



**CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CAMPUS DE CAJAZEIRAS  
CURSO DE HISTÓRIA**

**MARIA APARECIDA CEZARIO**

**BONITO DE SANTA FÉ: O CAMINHO DE UMA HISTÓRIA URBANA**

**CAJAZEIRAS-PB**

**2023**

**MARIA APARECIDA CEZARIO**

**BONITO DE SANTA FÉ: O CAMINHO DE UMA HISTÓRIA URBANA**

Monografia apresentada à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do curso de Graduação em História da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais do Centro de Formação de Professores da Universidade de Campina Grande, como requisito para obtenção de título de Licenciada em História.

Orientador: Prof. Dr. Osmar Luiz da Silva Filho.

**CAJAZEIRAS-PB**

**2023**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação-(CIP)

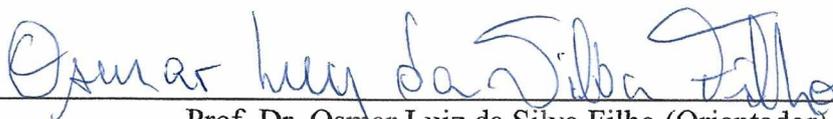
C425b	Cezario, Maria Aparecida. Bonito de Santa Fé: o caminho de uma história urbana / Maria Aparecida Cezario. – Cajazeiras, 2023. 65f. : il. Color. Bibliografia.  Orientador: Prof. Dr. Osmar Luiz da Silva Filho. Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2023.  1. História urbana. 2. Cidade - Bonito de Santa Fé. 3. Vivências dos habitantes. 4. Historiografia - Bonito de Santa Fé - Paraíba. I. Silva Filho, Osmar Luiz da. II. Título.
UFCG/CFP/BS	CDU – 94(813.3)

## BONITO DE SANTA FÉ: O CAMINHO DE UMA HISTÓRIA URBANA

Monografia apresentada à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do curso de Graduação em História da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais do Centro de Formação de Professores da Universidade de Campina Grande, como requisito para obtenção de título de Licenciada em História.

Orientador: Prof. Dr. Osmar Luiz da Silva Filho.

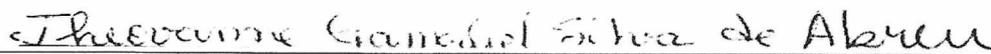
TCC aprovado em 13 / 11 / 2023



Prof. Dr. Osmar Luiz da Silva Filho (Orientador)

 Documento assinado digitalmente  
FRANCISCO FIRMINO SALES NETO  
Data: 16/11/2023 10:11:51-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Francisco Firmino Sales Neto  
(examinador Interno)



Mestre Jheovanne Gamaliel Silva de Abreu (examinador Externo).

Prof. Dr. Lucrécio Araújo de Sá Júnior  
(suplente)

*Dedico este trabalho, especialmente, aos meus pais  
Espedita e Antônio, que sempre estiveram comigo  
durante a trajetória da minha formação docente.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Espedita e Antônio por está sempre apoiando e incentivando na nossa formação docente. Aos meus irmãos Manoel Carlos, Fátima e Francisco Orlando que sempre estiveram presentes e contribuíram para continuar estudando, e assim realizar os nossos sonhos.

Gostaria de agradecer ao meu orientador, o professor Dr. Osmar Luiz da Silva, pela sua paciência, serenidade, dedicação e empenho, sempre me orientando da melhor maneira possível para realização da nossa pesquisa.

Agradeço a colaboração da Banca Examinadora, pelo interesse em avaliar o meu trabalho.

Agradeço a todos os professores do curso de História do CFP por todos os momentos de vivências e de compartilhamento de novas experiências e aprendizados.

Agradeço aos colegas do curso de História que estiveram juntos nessa jornada acadêmica.

Agradeço a equipe de trabalho da Câmara Municipal de Bonito de Santa Fé, na Paraíba, que colaboraram para que minha pesquisa documental fosse realizada, pois estiveram sempre presentes ajudando na localização dos documentos.

Por último, agradecer a Deus por ouvir minhas orações e ter me guiado nessa caminhada, pois sempre coloquei em suas mãos meus projetos para que deem certo, principalmente, neste período de cinco anos, que foram cheios de desafios e dificuldades, momentos esses que fiquei aflita com minha pesquisa que quase não fora realizada. Deus com seus planos tratou de cada detalhe, sinto-me grata por essa conquista que não foi fácil de enfrentar, é medo, insegurança que surgem no meio do caminho e cabe a gente decidir passar por cada um dele até conseguir realizar nossos sonhos. Deus, obrigada por tudo!

## **RESUMO**

Esta pesquisa tem como objetivo compreender o processo de desenvolvimento urbano de Bonito de Santa Fé, na Paraíba, investigando as vivências e experiências dos seus habitantes, bem como, seus ritmos sociais e culturais. Nesta perspectiva, trilhamos o caminho da narrativa de sua história por meio da paisagem arquitetônica e de seus debates públicos em torno do que ainda não foi problematizado. Assim, analisamos a sua trajetória urbana para construir uma narrativa sobre a cidade, apresentando as diversas faces de vivências dos bonitenses. Por meio desse itinerário visualizamos o espaço de produção do habitante na urbe. Para realização da nossa pesquisa, trabalhamos por meio de documentos escritos: as Atas da Câmara Municipal e imagens que mostram a sua fisionomia e feições.

**Palavras-chave:** História Urbana; Bonito de Santa Fé; Vivências dos habitantes.

## **ABSTRACT**

This research aims to understand the urban development process of Bonito de Santa Fé, in Paraíba, investigating the experiences of its inhabitants, as well as their social and cultural rhythms. From this perspective, we follow the path of the narrative of its history through the architectural landscape and its public debates around what has not yet been problematized. Thus, we analyzed its urban trajectory to build a narrative about the city, presenting the different faces of the Bonitenses' experiences. Through this itinerary we visualize the inhabitant's production space in the city. To carry out our research, we worked using written documents: the Minutes of the City Council and images that show its physiognomy and features.

**Keywords:** Urban History; Bonito de Santa Fe; Experiences of the inhabitants.

## QUADRO DE IMAGENS

<b>Figura - 01:</b> Imagem satélite de Bonito de Santa Fé – PB .....	25
<b>Figura - 02:</b> Rua Manoel Batista Leite .....	30
<b>Figura - 03:</b> Rua Pref. Adalto Luís de Oliveira Pereira.....	33
<b>Figura - 04:</b> Avenida Pref. Áurea Dias – Prefeitura Municipal.....	57
<b>Figura - 05:</b> Avenida Áurea Dia Almeida .....	58

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO I.....</b>	<b>13</b>
<b>1. Quando o historiador encontra a cidade .....</b>	<b>13</b>
<b>1.1 Operação historiográfica.....</b>	<b>13</b>
<b>1.2 Em busca de uma história Urbana.....</b>	<b>24</b>
<b>CAPÍTULO II .....</b>	<b>30</b>
<b>2.1 Quando o bonitense encontra a cidade .....</b>	<b>30</b>
<b>2.2 E a cidade se problematizava .....</b>	<b>35</b>
<b>2.3 Da cidade para os habitantes: a criação da Lei Orgânica do Município.....</b>	<b>39</b>
<b>2.4 Os símbolos do Urbano fomentam o protagonismo dos habitantes .....</b>	<b>40</b>
<b>CAPÍTULO III.....</b>	<b>44</b>
<b>3.1 Bonito de Santa Fé, uma cidade em movimento.....</b>	<b>44</b>
<b>3.2 Bonito de Santa Fé, setembro de 2023: o tempo presente promove novas histórias .....</b>	<b>50</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>61</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>64</b>

## INTRODUÇÃO

Esse estudo de caráter monográfico buscou compreender a cidade de Bonito de Santa Fé, na Paraíba, por meio de seu processo de urbanização e da vivência de seus habitantes. Nesse sentido, direcionamos a pesquisa investigando seus ritmos sociais, sua paisagem arquitetônica e o debate público existente em torno dos seus problemas, apresentando suas transformações. Para tanto, investigamos documentos escritos e imagens que retratam a fisionomia de nossa cidade.

Para a realização dessa pesquisa perseguimos as trilhas da ciência e do afeto, uma vez que como bonitense, nos inscrevemos para a construção dessa história com bastante entusiasmo.

O nosso estudo foi desenvolvido olhando para as singularidades do lugar onde habito juntamente com os demais habitantes, uma vez que, quase não encontramos informação sobre a história de Bonito de Santa Fé. Assim, inscrevemos nossa intenção de pesquisa querendo conhecer o que ainda não foi problematizado e, a cada passo, olhamos para coisas novas, querendo entender as variadas faces que vem se abrindo na cidade, em nossa história do tempo presente.

Desta forma, o interesse em estudar o processo de urbanização de Bonito de Santa Fé, foi despertado para aprofundar-me em suas escritas para desvendar aquilo que ainda não foi questionado e que aos poucos ganhou forma e características do espaço físico e arquitetônico. Então, nosso trabalho de pesquisa foi desenvolvido com o intuito de observar principalmente as paisagens e experiências vividas por seus habitantes, uma vez que esses aspectos ainda não haviam sido analisados.

Por essa via, nossa intenção foi a de compreender o desenvolvimento urbano da pequena cidade de Bonito de Santa Fé, que teve sua emancipação no dia 1º de janeiro de 1939.

Aos poucos, seu espaço geográfico e a população vêm se desenvolvendo. Nos anos 70, a cidadezinha se apresentava apenas com poucas ruas, quase não tinha casas, lojas e comércios, só tinha a Igreja Matriz, as praças estavam sendo construídas e a energia elétrica e a água ainda não tinham chegado à cidade. Nos dias atuais, registra-se uma população de 10.252 habitantes. Ao passar dos anos, novas histórias estão sendo vivenciadas, cabendo aos memorialistas e aos historiadores construir mais narrativas.

No ambiente acadêmico, a cidade ganhou o estatuto de objeto de conhecimento desde os anos 80, quando a historiadora Maria Stella Bresciani fundou uma linha de pesquisa sobre

isso. Como desdobramento disso, vários historiadores passaram a estudar as várias cidades brasileiras, com um enfoque inicial de analisar as reformas urbanas desses centros.

Registramos, em igual medida, que a cidade, bem antes dos historiadores, foi objeto de estudos e discussões de arquitetos, urbanistas e geógrafos, o que sinaliza para todos aqueles que estudam a cidade um bom acervo de discussões.

Dessa forma, no campo da historiografia temos o estudo de Sevcenko (1992), Maria Stella (2004), Mauad (2007), Silva Filho (1999), Santos (1993) dentre outros que vêm realizando estudos de história da cidade, numa perspectiva local e regional.

Portanto, a cidade tem passado por muitos olhares, tanto de seus habitantes quanto de seus planejadores e estudiosos.

Nossa pesquisa tem como objetivo investigar a cidade de Bonito de Santa Fé-PB, buscando entender os aspectos do processo de urbanização, crescimento, experiências de seus habitantes, verificando como a cidade vem evoluindo do ponto de vista arquitetônico e físico, social, cultural e político – na medida em que – ela foi problematizada pelo poder público.

Para realizar a nossa pesquisa tivemos acesso a vários estudos historiográficos sobre a história urbana, como: Maria Stella Bresciani (2004); Osmar Luiz Silva (1999); Nicolau Sevcenko (1992); Nestor Goulart (1997) entre outros. Logo, foi por meio desses estudiosos que compreendi melhor sobre a história das cidades.

No entanto, ao considerar a primeira monografia sobre a história urbana de Bonito de Santa Fé, planejamos abordar a definição historiográfica da cidade com referências clássicas. Desejamos explorar futuramente os escritos dos autores locais, que têm se dedicado ao estudo das cidades regional e local.

Como fontes, trabalhamos com as Atas da Câmara Municipal de Bonito de Santa Fé, na Paraíba, e foi a partir dos seus debates que compreendemos melhor o processo de desenvolvimento urbano da cidade. Consideramos também a sua paisagem e feições por meio do estudo de imagens dela.

As fontes documentais se encontram na Câmara Municipal de Bonito de Santa Fé, na Paraíba. Para ter acesso aos registros que abordam as principais discussões sobre o desenvolvimento da cidade, precisei visitar o órgão em diversas ocasiões. Considerando que a pesquisa nesses locais envolve algum grau de burocracia, foi necessário solicitar formalmente permissão para acessar as atas. Dessa maneira, foi realizado um levantamento minucioso dos projetos debatidos em relação aos problemas da cidade, a fim de analisar seu progresso em termos de paisagem, arquitetura, aspectos físicos, sociais e culturais.

Para melhor compreensão, nosso trabalho está dividido em três capítulos.

O primeiro tem como título “Quando o Historiador encontra a cidade”. Nossa construção ocorreu da seguinte forma: num primeiro momento, analisamos a cidade como sendo um fato urbano, e, abordando como o objeto de estudo “a cidade”, foi investigado dentro da historiografia, a partir dos estudos de historiadores, de arquitetos e de urbanistas. Num segundo momento, traçamos a história da cidade em seu caráter específico como fato urbano, explanando como esta se mostra diferente das grandes metrópoles, apresentando suas singularidades de um lugar pequeno, mas rico em experiências humanas.

O segundo capítulo intitulado “Quando o bonitense encontra a cidade” focou os aspectos que caracterizam sua paisagem física, suas ruas, praças e demais edificações, narrando suas cores, o esquadrinhamento do espaço, e o grau de sociabilidades dos habitantes com esses espaços. Em seguida, analisamos a partir das Atas da Câmara Municipal como a cidade se problematizava e se problematiza, sobretudo, entre os anos de 1970-1990, em relação ao campo da saúde, da educação e da economia. Ainda nesse capítulo, a cidade se mostra em nossa narrativa com seus símbolos e significados que estão presentes nos habitantes.

No terceiro capítulo intitulado “Bonito de Santa Fé, uma cidade em movimento” mostramos que a cidade está sempre se construindo ao exercer uma relação com outros lugares em busca de mais crescimento, informações e formação humana e acadêmica para seus estudantes. Como tantas outras cidades brasileiras inscritas no espaço geográfico, Bonito de Santa Fé pulsa e inscreve o protagonismo de seus habitantes no tempo presente.

O que buscamos foi construir e escrever uma história para seu povo e para a memória social e histórica, entendendo que essa última está envolvida em um campo de disputas com outras memórias.

Esse foi o nosso desafio. Esse foi o nosso empreendimento acadêmico como estudante do curso de História.

## CAPÍTULO I

### 1. Quando o Historiador encontra a cidade

#### 1.1 Operação historiográfica

Desde a década de 80, a cidade passou a ser objeto de estudo<sup>1</sup>; foi quando de fato deu início a uma discussão peculiar acerca do urbanismo para compreender como os aspectos da cidade foram evoluindo do ponto de vista arquitetônico e físico, uma vez que esses registros de estudos escritos passaram a ser investigados por perspectivas dos historiadores, dos urbanistas e dos arquitetos.

É na cidade que encontramos narrativas diversificadas dos traços materiais e da arte humana que simbolizam o espaço do homem, no qual constituem várias mudanças para essas cidades, mudanças essas como o espaço físico e arquitetônico, buscando sempre mudar a vida dos habitantes dessas urbes. Desta forma, essas questões da cidade passaram a ser anunciadas por diversos historiadores sendo, portanto, um objeto de estudo quando a Unicamp fundou uma linha de pesquisa acerca do objeto cidade.

Assim, Maria Stella Bresciani, que foi uma das primeiras historiadoras a trazer para o campo historiográfico a cidade como peça de estudo, logo começou debater as cidades, e escreveu um livro sobre Londres no período Industrial. Além disso, a historiadora Bresciani traça narrativas de como a cidade encontrou abrigo entre os historiadores, além de deixar sua contribuição com vários outros textos. Um desses textos, intitulado “*A cidade, objeto de Estudo e Experiência*”, afirma que: “A cidade, produto do homem por excelência, fugindo ao seu controle, espaço agigantado cujas dimensões escapam à compreensão humana” (Bresciani, 2004, p. 9). A cidade muda, então, é um lugar de experiências e vivências que as pessoas passam a compor suas imagens de lembranças naquele novo abrigo de moradia.

Diante desse contexto, o papel do historiador implica compreender a situação de vivências dos indivíduos em fazer uma relação de reencontro do homem com o espaço visual da cidade, como também narrar um fato urbano na investida de debater as condições reais históricas contemporâneas nas cidades. Porém, não visa apenas mostrar esses problemas do que é cidade nas grandes metrópoles, mas também em lugares menores que tem suas

---

<sup>1</sup>Assim sendo, há diversos intelectuais que trazem para o campo da historiografia a discussão acerca do objeto de estudo: a cidade, como demonstrado pelos escritores Margarida Maria, Lopes.S., e França Lemos, os quais, em seu livro intitulado "As cidades no tempo", promovem uma análise das questões urbanas. É um universo de estudiosos sobre a cidade, dos quais podemos destacar Fridman e Abreu, que, em seu livro "Cidades latino- americanas", realizam um debate sobre a formação dos núcleos urbanos. No entanto, optamos por aprofundar nossos estudos a partir das pesquisas da historiadora Maria Stella Bresciani, cujos estudos na Unicamp trazem a narrativa de como a cidade se estabeleceu como tema central entre os historiadores.

especificidades e histórias do urbano para serem estudadas e debatidas. Nas palavras do historiador Silva Filho (1999, p. 27):

A cidade tem sido o palco dos grandes problemas da vida contemporânea, na medida em que apresenta o cenário da crise atual. Nesse cenário, estão presentes a forma pela qual a paisagem urbana é construída e organizada pelos sujeitos, historicamente, os modos de vida que são organizados, a emergente questão social, a configuração do quadro político e econômico que gerenciam esses espaços etc.

Diante desse ponto, a cidade passar a ser o lugar de moradia dos homens, é nela que as pessoas se agregam e passam a resolver seus problemas de trabalho, administrativos em bancos, em repartições públicas, logo, passa a ser o abrigo das pessoas que moram no sítio, sendo, que elas vão para a cidade resolver seus contratemplos. “Em suas ruas também desfilam muitas pessoas pauperizadas, habitantes dos sítios que envolvem a cidade, desempregados e sub-empregados” (Silva Filho, 1999, p. 10). Assim, percebe-se que as cidades vão ganhando uma nova conjuntura, os espaços dela vão aumentando cada vez mais, pois passam a serem construídas novas vilas, bairros periféricos para abrigar as pessoas que veem naquele lugar uma esperança de vida nova.

Para Bresciani, esse novo modelo de cidade moderna ou mesmo a grande metrópole, como passou a ser chamada, está relacionada com as mudanças que ocorreram em Londres e Paris no século XIX, quando passa a ter nas grandes cidades maior movimentação das pessoas. É nelas que passaram a ser desenhadas lojas, mercados, luzes mais acesas, e as pessoas com mais depressa. Esse crescimento acelerado do espaço urbano vem sendo pensado a partir do modelo dessas grandes metrópoles; “o crescimento desmesurado de cidades como Londres e Paris, os estranhos misturados à população local, a agressividade contida no comportamento das pessoas, o medo de se aventurar por essas ruas” (Bresciani, 2004, p. 10). As cidades tinham suas ruas fechadas e, ao ser transformadas em metrópoles, passaram a ser um lugar que requer muita atenção do homem e também necessita de mais recursos para a existência das pessoas.

A princípio, Nicolau Sevcenko, em seu texto intitulado *Orfeu Extático na metrópole*, relata como encontrou as inusitadas ruas de São Paulo nos agitados anos 20, uma vez que, estava passando por uma série de transformações do século XIX para o século XX e das reformas urbanas que vinha ocorrendo de fato como aconteceu em Recife e no Rio de Janeiro, e essas transformações vão impactar a vida das pessoas. Nessa perspectiva, essas cidades vão ser esquadrihadas além de passar por picaretas, destruição das cidades antigas, discussão sobre saneamento, higienização e mal de doenças. É na cidade que esses problemas vêm se

formando, e na cidade de São Paulo, com o fim da Primeira Guerra Mundial, informa-se um novo quadro de doenças que passou a ser um pesadelo para a sociedade paulistana. Nas palavras de Sevcenko (1992, p. 24):

A epidemia da gripe espanhola, difundida pelo mundo todo a partir do foco dos campos de batalha da Europa, caíra sobre a cidade com uma veracidade que evoca a peste negra medieval: em alguns meses prodigalizou São Paulo de valas coletivas lotadas de cadáveres, com não poucos moribundos atirados às fossas ainda vivos de permeio, nas correrias desencontradas do pânico.

Nesse período de crises intensas que atingiram a cidade de São Paulo, por exemplo, com vários espaços de maldições de doenças, seria necessário que as autoridades garantissem para a população um espaço com higienização sanitária, já que a cidade também é lugar dos gestores que tem a finalidade de prezar pelo bem da nação. Além disso, outro problema enfrentado é a questão das grandes greves de 1917 e 1918, fatos ocorridos devido à catástrofe da guerra. Com isto, esperava-se que os anos que estavam por vir fossem de transformação de um futuro melhor, sendo que, os anos 20 foram de fato quando ocorre uma conjuntura inovadora nas cidades.

Na visão de Sevcenko (1992), as questões da urbanização na cidade de São Paulo vão se entrecruzando e ganhando novos ares de um espaço urbano mais acelerado, sobretudo, com a construção de fábricas, sendo construído vilas operárias perto das fábricas, abrindo alamedas mais largas para que a população, que vem chegando, entre na cidade. Assim, em meio às novas transformações, esses lugares passam a ficar mais movimentados, as crianças começam a frequentar as ruas para brincar e começa a gritaria; isto mostra que as cidades também são formadas por famílias, pois “introduziam a celebração das famílias numa atmosfera de selvageria metálica, da meia-noite até ao alvorecer do dia” (Sevcenko, 1992, p. 25). Por meio desses enquadramentos, os historiadores têm problematizado a cidade.

Desse modo, outro ponto que Sevcenko (1992) apresentou foi abrir a porta de entrada da cidade de São Paulo que destaca, sobretudo, esses aspectos de urbanização da cultura, e também o dia a dia da vida na cidade que se mostrava perplexa de coisas novas. Esses frementes anos 20, que carregavam consigo muitas inovações em que os indivíduos vivem, como exemplo, do carnaval que ganha destaque nas avenidas paulistas, trazendo alegria para a população como sendo algo peculiar, que fixa na história da cidade. Essa nova vida possibilita que tenha uma nova identidade, de liberdade, de relação entre o homem e o espaço da cidade, ou seja, de compartilhar momentos e rituais diferentes com novos indivíduos que estão

definidos a urbe em um espaço de coletividade, cujo objetivo é apresentar a chegada de um novo estilo típico do que é ser o modernismo.

A cidade é cheia de história para contar, e outro ponto que envolve esses fatos destacados por Sevcenko (1992) diz respeito às condições de vida das pessoas na cidade, pois, é nessas avenidas que as pessoas buscam por melhores condições de vida; com isto, a classe social baixa surge, ou mesmo, pessoas pobres que não tem condições de morar nos melhores lugares da urbe, logo, destinando-se às periferias, o que passa a ser um problema, pois muitos não encontram empregos para suprir com suas necessidades e acaba entrando para o mundo das drogas. Então, esses são alguns dos problemas enfrentados nessas conjunturas típicas da modernidade. De acordo com Sevcenko (1992, p. 28) “As novas condições de vida na grande cidade esfacelam os grupos, dispersam as ações, dissociam as percepções, precipitam antagonismos, interrompem as comunicações, sejam diferentes irreduzíveis”. Um exemplo desse tipo de ação é que afasta as pessoas de viver em coletividade e passa a enfrentar novos obstáculos.

A esse respeito, no texto “*Cidade e história*”, Bresciani (2002) nos propõem apresentar questão do urbano que estão ligadas ao debate dessas condições de vida da cidade, pois esse quadro surge com a problemática da industrialização em que vai surgindo a estrutura demográfica que a cidade vai sendo aliada ao modelo de modificações, e a cidade de Paris, bem como descreve Bresciani (2002), é tida como exemplo para as cidades do Brasil, em que teve de ir modificando seus traços medievais passando a ser uma Paris moderna. Então, a cidade do século XX teve que passar por mudanças, na qual vai ser preciso ser higienizada, devido às doenças que foram surgindo nesse período; “até a teoria médica sobre os miasmas se mantinha restrita a casos particulares, se epidemias de caráter letal, — a “peste” cólera e tifo” (Bresciani, 2002, p. 24). Esses tipos de doenças apareciam devido às condições sanitárias que encontravam alguns bairros da cidade, por causa das sujeiras, dos vícios e até mesmo do estado de pobreza das pessoas.

Posta essa problemática da cidade, que enlaça o estudo da historiografia do meio urbano com as vivências das pessoas na urbe, surge à questão social, na qual busca compreender essa subjetividade das novas sociedades que passam a ter domínio, como é o caso da “*bourgoise*” que é destacado nos estudos de Bresciani, em que essa “*middle-classes*” vem dominando os espaços da cidade, tornando-se dona de muitos negócios e de toda a riqueza, visto que se faz uma divisão da sociedade, deixando a classe mais pobre sob o domínio dos ricos.

Assim, o autor Nicolau Sevcenko (1992) nos apresenta a cidade de São Paulo sobre o avanço avassalador do processo do urbano, principalmente, mostrando a cultura típica das pessoas que passaram a habitar a grande metrópole que se tornou na passagem do século XIX para o século XX, sendo que essa conjuntura foi posta em meio às faces de compassos separados, marcado por um momento temporal conturbado, um passado fragmentado, por consequência dos conflitos de guerra que vinha acontecendo, e essa nova sociedade com novos hábitos passa a se formar, sobretudo, após o período de guerra. Diz Sevcenko:

Após a Guerra, seja pela morte, afastamento ou desmoralização dos antigos líderes, uma nova geração emergiu: jovens portadores da “ideia nova”, gente vinda do seio do caos metropolitano e formada nele. Não foi a deflagração da Guerra que abriu a caixa de Pandora, mas, por meio da crise de escala mundial e da magnitude inédita do seu impacto, ela espalhou os demônios da ação pelo mundo e o submeteu ao seu comando (Sevcenko, 1992, p. 32-33).

Desta forma, a partir desse movimento de um novo tempo em que se via a modernidade chegando às cidades dos anos 20, uma população com uma mente mais avançada, novos hábitos sendo estabelecidos, essencialmente, com a chegada de cinemas, shopping, a criação de praças públicas, “clubs” de esporte, tudo isso estava sendo centralizado na grande metrópole que se formou a cidade de São Paulo. Logo, esses hábitos fazem parte das questões sociais e culturais do espaço urbano, ou melhor, “como a fonte de uma nova identidade e de um novo estilo de vida” (Sevcenko, 1992, p. 34). Assim, percebe-se que esse estilo de vida já estava avançando não somente nos bairros mais ricos da cidade, mas também nas periferias, das vilas mais pobres, pois eram hábitos culturais que se situavam no dia a dia de toda a sociedade paulista.

Porém, outra discussão que o autor Nicolau Sevcenko traz é sobre a questão da modernização das máquinas automobilistas que na cidade de São Paulo, por meio desse fenômeno do “Automóvel club” em suas ruas, desfilavam os seguintes transportes “trens, bondes, carroças, charretes, cavalos e mulas, ele sempre foi um transporte de rico” (Sevcenko, 1992, p. 74). Nesse viés, o *boom* desses tipos de transporte deu-se depois da Guerra, pois eles foram tendo mais movimentos nas ruas e avenidas da metrópole. É importante destacar que não tinha um planejamento de como esses transportes deveriam se movimentar nas ruas e sempre estavam à disposição das famílias poderosas, já que o automóvel era uma notícia nova para a sociedade. No entanto, com a falta de regulamentação no trânsito aconteciam muitos acidentes e as pessoas não pagavam por seus erros, devido à falta de lei, ainda ausente na cidade.

Diante desse avanço avassalador que São Paulo vinha passando, é primordial destacar a contribuição dos estudos de Helena Carvalho, no seu texto intitulado *“Eletricidade e modernização em São Paulo na década de 1920”*, que nos mostra como esse processo de eletricidade chegou até o estado, uma vez que, relata como era esse processo antes de 1920 e depois. Sendo que esse desenvolvimento, antes, ocorre de forma lenta; andam juntos com a urbanização e industrialização que foi instaurado, essencialmente, no período da Segunda Revolução Industrial. Considerando esse contexto, é imprescindível que essas mudanças, sobretudo do século XIX, estão acontecendo também fora do Brasil, ou seja, elas já vinham se expandindo em Paris e Londres. Foram essas duas metrópoles que deram o exemplo para que as outras cidades também acompanhassem esses novos costumes de vida. Com isso, esse processo de eletricidade vai ajudar na organização da implantação de negócios. Como afirma Lorenzo:

Para o atendimento dessa demanda organizavam-se empreendimentos por iniciativa de alguns pioneiros locais e do capital estrangeiro para a implantação de infra-estrutura de transportes e, paralelamente, serviços de utilidade pública (telefone, transporte urbanos, iluminação pública, geração e distribuição de energia elétrica (Lorenzo, 1997, p. 160).

No entanto, essas atividades foram essenciais para o processo de desenvolvimento da modernidade da capital, posto que, objetiva a produtividade de mercadorias mais avançadas e especificamente uma melhor condição de vida em relação ao trabalho. Então, no estado de São Paulo, esse recurso de eletricidade vinha ocorrendo de maneira muito encurtada, pois foi no final da década de 20, que foram postas as primeiras usinas hidráulicas, e também as centrais elétricas, as quais serviam de “iluminação pública a algumas praças, ruas e estações ferroviárias e geram força motriz às primeiras indústrias” (Lorenzo, 1997, p. 161). Logo, tornaram-se essenciais para a evolução do processo de urbanização.

A eletricidade do estado de São Paulo, nos anos de 1920, teve um grande avanço, tanto em relação ao desenvolvimento de urbanização como também na economia, visto que, a energia era peça chave para ajudar a desenvolver a cidade. “Além do aumento da capacidade produtiva e da definição da energia hidrelétrica como padrão motriz dominante, caracteriza, ainda, a expansão da eletricidade nos anos 20 grande avanço técnico na área da construção de usinas e o início da formação de redes integradas de distribuição” (Lorenzo, 1997, p. 170). Muitas coisas foram sendo trocadas para que tivesse uma melhor evolução na cidade, como exemplo, da energia a vapor que passou a ser elétrica, portanto, tudo isso é primordial para o estudo da historiografia das cidades, pois possibilitam compreender com elas vêm formando a sua estrutura tanto física como arquitetônica.

Todavia, uma discussão importante sobre esses aspectos da cidade é a problemática que o autor Santos (1993), apresenta no seu texto intitulado “*Habitação em Salvador: fatos e mitos*”, no qual destaca que Salvador teve um crescimento demográfico reduzido em relação a São Paulo e o Rio de Janeiro, porém sua análise de interpretação versa sobre a questão da moradia, ou seja, a preocupação em atender a demanda das pessoas que vinham chegando na cidade, posto que não tinha lugar suficiente para agregar essas pessoas. Então, percebe-se que muitos desses inquilinos não têm condições de pagar até mesmo o aluguel de uma casa para morar devido à falta de emprego. “Um inquilino, já devedor de muitos meses de aluguel, vivia a fugir do senhorio, evitando encontrá-lo a todo custo. Certa feita, porém, encurralado em uma viela, ouviu do proprietário do imóvel em que residia que não temesse” (Santos, 1993, p. 94). O acordo para que os inquilinos pagassem os dias de atraso era por meio de ações judiciais de despejo; para que houvesse o despejo havia algumas regras, como por exemplo o mau uso dos imóveis pelos moradores.

Outro ponto que Santos (1993) expõe é sobre a questão da moradia no século XIX, em que Salvador passou por um processo de modificação do espaço urbano, no qual ficou conhecido como processo de modernização, que foi do mesmo modo que outras cidades passaram nesse período. Logo, um traço marcante dessa transformação foi a criação das obras de saneamento, de eletrificação, e, sobretudo, a inserção de novos meios de transporte. Com isto, o que marca essa modernização é que foi necessário derrubar as unidades habitacionais que existiam em Salvador, mesmo sem ter um novo planejamento de substituir por outras unidades. Ao passo que, para haver uma ação de modernização, é extremamente necessário destruir alguns prédios e casas sem se importar quem estava ocupando. Enquanto ocorria todo esse processo de demolição na cidade, o comércio crescia cada vez mais, dando privilégio aos comerciantes.

Desse modo, a cidade é um lugar de fazer história, analisando os primórdios do passado para compreender o presente, uma vez que, é um estudo imprescindível, tanto para os estudantes de História como também para os urbanistas, que decidem narrar o conceito magnífico da transformação dessas urbes. Considerando este contexto, é relevante destacar como o urbanista Patrick Geddes descreve a evolução das cidades medievais, que aos poucos foram se transformando com os modernismos dos anos 20. “Contudo, nesse labirinto de complexidade urbana, não há meros espectadores. Cegos ou não, criativos ou desatentos, alegres ou relutantes, cada um ainda deve tecer, a contento ou não, por bem ou por mal, toda a trama de sua vida” (Geddes, 1994, p. 36). Em síntese, apresentar a história da cidade é um

desafio, visto que, é um espaço muito peculiar para desvendar os significados que essa evolução tem para a sociedade.

Segundo Patrick Geddes (1994), que faz uma análise do planejamento urbano medieval, expõe uma pequena cidade da Inglaterra, Salisbury, que tem características de uma cidade medieval, no qual descreve os traços dessa cidade que ainda é privilegiada por ter espaços amplos, ajardinados e curiosos. Conforme Geddes (1994, p. 37), “[...] seus arquitetos seriam os primeiros a reconhecer que Salisbury tinha as vantagens de maiores espaços ajardinados, dos cursos d’água cortando as ruas, sem falar da grande catedral erguendo-se em seu amplo espaço fechado [...]”. São exemplos de como era encontrada as condições dessas cidades em relação às dificuldades dos estudos urbanos, visto que, trata-se de visualizar uma melhor condição de vida para as pessoas que habitavam naquele espaço.

No entanto, o urbanista nos mostra a importância de estudar esses aspectos urbanos por meio das cidades pequenas que fazia parte das grandes metrópoles, pois nelas está uma fascinante história para ser compreendida, no qual destaca outro objeto de investigação que é a velha Edimburgo, a capital da Escócia, que é marcada por traços medievais. Conforme Geddes (1994, p. 37-38) “a Velha Edimburgo, a mais superpovoada e deteriorada de todas as cidades do mundo, contudo com seu passado ainda a salvo e, conseqüentemente, uma das mais ricamente instrutivas, mais sugestivas para o observador curioso e para o estudante de História”. Além disso, podemos interpretar diante desse contexto do desenvolvimento urbano que a cidade foi saindo do cenário medieval e passando a ter seus espaços mais modernos. Não somente as ruas foram sendo estruturadas, mas também as casas que tinham suas cozinhas apertadas e escuras estavam sendo remodeladas. Diz Geddes:

A dona de casa utilitária, movimentando-se em sua cozinha apertada e bem estruturada, porém, muitas vezes, pequena e escura, mal pode acreditar quando lhe contamos que, no que agora são os cortiços da velha Edimburgo, por exemplo, essa cozinha estava situada no vestibulo ou em balcão coberto, mas aberto, no primeiro andar; e só se convencerá quando se defrontar com a evidência histórica e seus remanescentes. (Geddes, 1994, p. 38).

Assim, na cidade é também um lugar de realização dos sonhos das pessoas, em que visa construir uma vida melhor, ou seja, é também a arte de projetar seu futuro e garantir que sua família possa viver livre e ter direitos aos espaços sociais e culturais da cidade. No entanto, nessas cidades medievais contavam com uma população rica e pobre, que ouvia muito falar sobre o estado de pobreza que era marcado na vida urbana, sobretudo, no período da Idade Média. Porém, essas sociedades contribuíram para que fossem criando novas vilas e

avenidas, com o objetivo de agregar novas pessoas que saíssem das zonas rurais para a cidade. Com isto, formou-se um novo planejamento para o espaço urbano.

Nesse sentido, o urbanista Patrick Geddes faz uma análise sobre esse novo fenômeno do moderno em que as cidades vão se aglutinando e se formando em uma grande conurbação; são cidades como exemplo de Londres que vai se agregando e vai ser chamada a grande Londres, ou seja, são fatos modernos, como as vilas que vão criando linhas unificadas e forma uma só cidade, ao passo que não se sabe mais onde cada vilarejo termina e assim vai se formando uma grande metrópole. Essa análise que o autor propõe no seu estudo sobre a expansão dessas cidades é que elas foram crescendo mais do que se vinha identificando nos mapas. Esse crescimento surge, portanto, com as cidades industriais, que vão ligando uma região a outra, até formar uma grande conurbação, pois essa forma de olhar as urbes em crescimento não é muito comum diante de algumas visões dos estudiosos do urbanismo. Como diz Geddes:

O arquiteto está acostumado aos edifícios isolados ou, no máximo, aos planos de ruas; o engenheiro civil, às ruas e aos quarteirões, e ambos relutam em ampliar sua visão. Eles ainda falam como se essas visões mais abertas e as previsões estivessem “à frente de nossa época” — “poderiam ser úteis daqui a 50 anos” — e assim por diante (Geddes, 1994, p. 47).

Essa nova forma de analisar o urbanismo passou a ser um método de pesquisa que será realizado neste século XX, logo é necessário conhecer a história dessas pequenas cidades que foram se juntando e se transformando em grandes áreas urbanas, como também vem acontecendo esse planejamento em João Pessoa, Rio de Janeiro e Fortaleza, que hoje são caracterizadas por uma grande expansão social. Nesse viés, a importância sobre a ampliação desses estudos é mostrar que podemos aprender como essas cidades vão formando esse vilarejo, através de experiências vivenciadas em espaços menores e também por vários espaços visuais da urbe.

Para Delle Donne, em seu texto intitulado “*Teorias sobre a cidade*”, a autora apresenta esse aspecto de expansão através da estrutura da organização social e do processo de industrialização urbana. Visto que, busca compreender como fica a questão da formulação dessa evolução social urbano, que leva ao desequilíbrio da ordem em relação aos fatos de como se formam essas células sociais (Donne, 1979), é relevante destacar que a imagem da cidade forma-se por uma relação de ordem social, partido do ponto de como é estabelecida para explicar esse modelo de organização que constituíram a urbe, à medida que destaca como essas regras foram se agregando no espaço urbano, logo, a autora aponta dois eixos essenciais que são: a família e a crença. A família porque faz parte da sociedade e vai se agregando ao

espaço urbano, e a crença, pois vai possibilitar que o homem não viole as regras postas na família e na sociedade.

Esse processo de industrialização contribuiu para o crescimento econômico da sociedade. Foi, de fato, um fenômeno que possibilitou o desenvolvimento dos comércios nos tempos antigos, sobretudo no período da modernidade em que teve um maior avanço de industrialização urbana. Segundo Donne:

As cidades da Idade Média apresentam uma situação muito diferente pois foram o comércio e a indústria que as tornaram naquilo que elas eram, e elas continuaram a crescer sob a sua influência. Em nenhuma outra época se verificou um contraste tão nítido entre a organização social e econômica da cidade e do campo. Parece claro que nunca antes de então tinha existido uma classe de homens tão específicas e exclusivamente urbanizadas, como a burguesia medieval (Donne, 1979, p. 19).

Diante dessa reflexão, percebe-se que o processo de industrialização modifica a população, propondo uma nova estrutura para o espaço urbano e que vai ajustando a sociedade ao mundo do trabalho. Ao passo que surge uma problemática em meio a esse processo de desenvolvimento, dado que com essa industrialização fica a cargo de um grupo que tem mais poder que são os atores sociais que têm total domínio sobre esses comércios e indústrias que foram se alargando no período, comerciantes, lojistas, especuladores imobiliários. “Na Idade Média, o próprio expansionismo militar das cidades costeiras era orientado, sobretudo para o alargamento do comércio e da indústria” (Donne, 1979, p. 21). Logo, a sociedade iria contribuir apenas com o trabalho enquanto que o poder aquisitivo ficaria sob o poder da sociedade rica. Isto gerou uma desigualdade, porque aquelas pessoas que saem da zona rural em busca de melhores condições de vida terminaram fixando-se em outra divisão social, e somente produzindo para os comerciantes.

Esse estilo de desenvolvimento da cidade, por meio do sistema econômico, gera uma questão do ponto de vista demográfico, que deixa uma parte da população em estado de extrema pobreza, no qual surgem conflitos sociais, pois a sociedade vem para a cidade em busca de emprego e muitas vezes não tem oportunidade e fica vivendo nos bairros mais pobres.

Segundo Reis Filho, a cidade também é um espaço físico, no qual traça uma discussão no texto “*Cultura e estratégia de desenvolvimento*” a respeito do planejamento das obras e infraestruturas urbanas. Diante disso, o autor nos mostra dos pontos importantes para serem analisados que é o conceito de planejamento e de políticas públicas que são de extrema relevância para entender como vai se formando o espaço físico da *urbe*. Então, esse planejamento nos possibilita entender como as vilas/vilarejos foram se moldando nos espaços

das cidades, como foram sendo disciplinados pelos planos da prefeitura para que pudessem funcionar de acordo com as leis que regem o município. Nesse aspecto da produção do espaço físico, podemos destacar essa ideia sanitária, que nessas cidades muitas vezes eram marcadas por ruas mal cuidadas e exalava sujeira e mau cheiro, sendo necessário interromper algumas atividades para cuidar daquele espaço físico, ou seja, viu a importância de desenvolver políticas públicas para resolver os problemas que afetavam a cidade daquele período.

Para Reis Filho (1997, p. 144) “procuramos demonstrar que os objetivos estratégicos e a produção desses suportes físicos são objetos de uma complexa elaboração cultural, que encobre e procura legitimar uma escala de valores sociais da época”. Essa elaboração do espaço físico apresenta várias dimensões que são de suma importância para a sociedade, visto que, a população pode representar dois espaços diferentes, um sendo da organização pública e outro privado. O público é quando o habitante ocupa o seu espaço no seu bairro em que mora e o privado quando o indivíduo está exercendo seu trabalho em uma empresa privada. Nesse viés, todas essas organizações fazem parte do sistema cultural da cidade, e que direciona no processo de vários níveis do planejamento físico e do trabalho institucional das leis.

Em relação a esses estudos sobre a cidade, sem dúvida percebemos que a pesquisa sobre esses aspectos de urbanização é de suma importância para o historiador, principalmente, em se tratando de lugares menores, pois é nesses espaços que podemos aprender com suas diferenças da dimensão urbana, que envolve problemas políticos, culturais e sociais. Assim, “torna-se urgente à necessidade de se conhecer numa perspectiva a mais ampla e capilar possível o contexto social urbano” (Donne, 1979, p. 30). É interessante conhecer as condições urbanas das cidades menores, pois sempre tem alguma experiência ou vivências que abrem portas para uma pesquisa mais aprofundada.

A história se dá sempre no específico, que nos faz pensar acerca desses desfechos que condensa esses espaços do contexto historiográfico, em que as cidades vêm representando em relação à conjuntura dos movimentos sociais e culturais, os quais vão se cristalizando. Assim, o fato urbano da cidade de Bonito de Santa Fé é extremamente importante de ser estudado para que possamos visualizar como ela foi se projetando nesse período. Diante deste contexto, esse estudo objetiva entender a cidade Bonito de Santa Fé, em como se mostra, a partir dos documentos em relação aos problemas social e cultural com a sociedade, pois é um objeto de estudo enriquecedor tanto para o historiador como também para os arquitetos e urbanistas.

## 1.2. Em busca de uma história urbana

Inicialmente, a construção do município de Bonito de Santa Fé deu-se a partir da destruição da Vila de Santa Fé, que entrou em decadência, devido a rixas entre as famílias Barbosa e Viriatos, duas famílias que entraram em conflito por questões das feiras livres que ocorriam antigamente. Assim, o território que hoje ocupamos foi fundado por Francisco Timóteo de Sousa. Dessa forma, a cidade teve sua independência política, que foi publicada no Diário Oficial do Estado, a partir do Decreto nº 1.164, de 15 de novembro de 1938, promovendo Bonito de Santa Fé à categoria de município. Logo, a emancipação ocorreu de fato no dia 1º de janeiro de 1939. Acredita-se que foi nesse período que já iniciou um avanço no desenvolvimento comercial da cidade. Segundo Lima (1977, p. 164):

Entre os ingressantes deve ser destacado José Marques Galvão, homem de visão, a quem Bonito ficou devendo muito, pois instalou ali moderno maquinismo pra algodão, fábrica de doce tipo “pesqueira” padaria, saboaria, enquanto, noutros campos dinamizava atividades também de natureza econômica inclusive de movimentar importante casa comercial (Lima, 1977, p. 164).

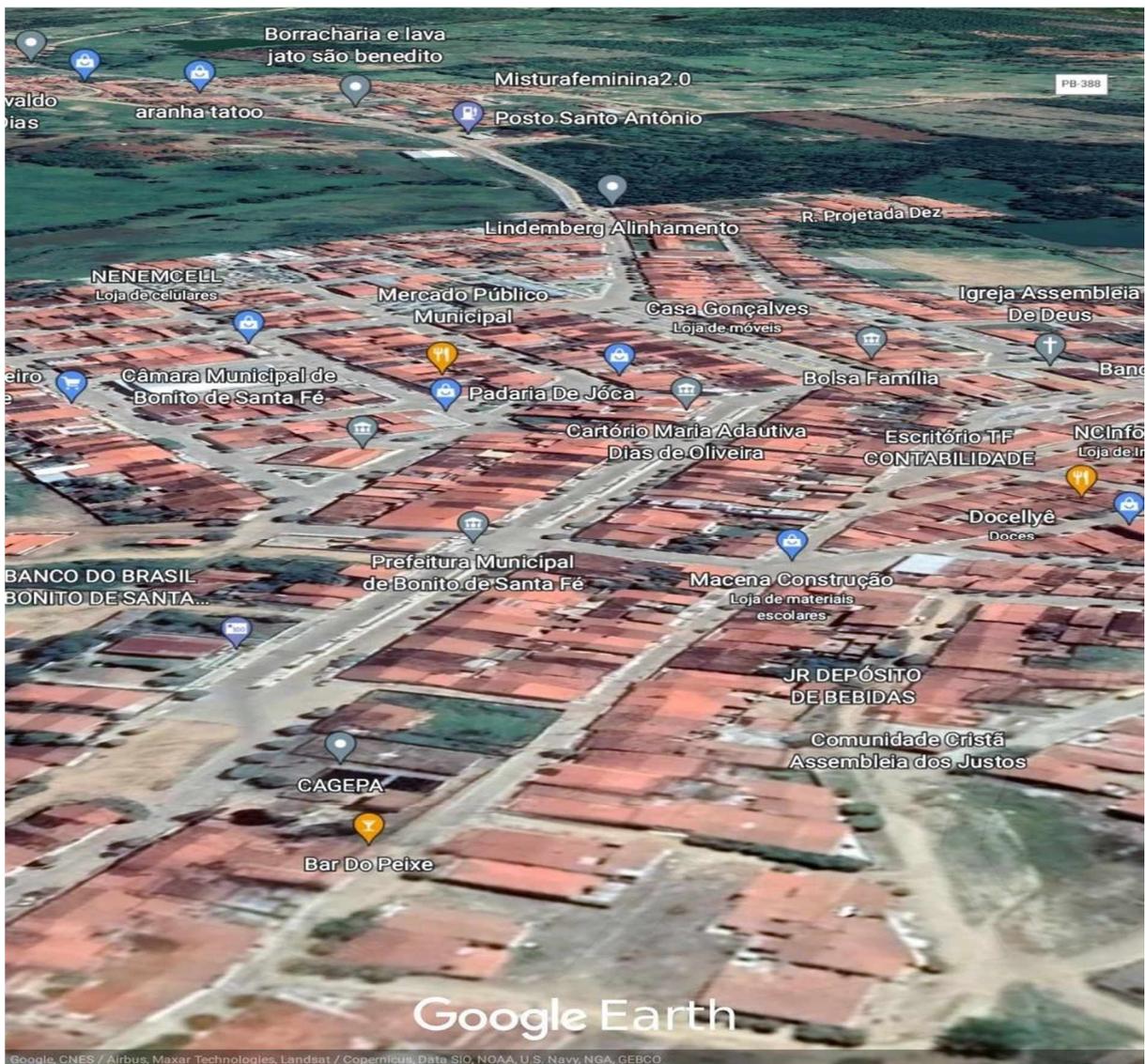
Nessa perspectiva, em que o pequeno município foi crescendo, sabe-se, portanto, que Bonito de Santa Fé, nos anos de 1972, mostrava-se com um espaço urbano muito pequeno, era formado apenas por uma rua que não tinha muitos edifícios construídos, a rua principal só tinha a Igreja Matriz, as casas ao redor, e quase não havia ponto de comércio para desenvolver a economia e as ruas não eram todas calçadas. A falta de energia e água não era um benefício da população. A população que habitava na cidade era em maioria analfabeta.

Diante desse fato, a cidade de Bonito de Santa Fé está localizada na região oeste do estado da Paraíba na mesorregião do Sertão Paraibano, cuja distância é de 524 km para a capital João Pessoa, ocupando uma área de 226,798km<sup>2</sup>. Limita-se aos seguintes municípios circunvizinhos: ao Norte, Monte Horebe; ao Sul, Conceição; a Leste, Serra Grande e São José de Caiana e a Oeste com Mauriti, no estado do Ceará. Seus pontos culminantes centrados na Serra da Arara e no Distrito de Viana, logo, pertencem à microrregião do sertão de Cajazeiras.

Ao longo dos anos, foi crescendo no seu espaço geográfico, com a criação de escolas, de hospital, de bancos, de lojas e de comércios, ou seja, esses aspectos formaram um espaço melhor para agregar às pessoas, em que aos poucos foram se adaptando a esse novo impacto de transformações que incorporam sobre a cidade, no qual deixou traços de um processo de modernidade. Uma nova realidade despertava no imaginário desse habitat que o município se tornava, com a chegada de novos bairros periféricos que aumentou o espaço urbano da cidade.

Dessa forma, por ser uma cidade que vem evoluindo do ponto de vista arquitetônico e físico com suas especificidades, hoje se encontra como uma estrutura urbanizada, acolhendo desde sua formação pessoas dos locais vizinhos. Assim, observa-se que foram sendo construídos novos prédios de lojistas e comerciantes que contribuem para desenvolver o crescimento econômico do município, possibilitando uma vida melhor para as pessoas, tendo em vista que, na cidade é um espaço de informações, no qual se formam os grupos sociais e que representa um lugar de urbanidade com muitas histórias para contá-las.

Figura – 01: Imagem satélite de Bonito de Santa Fé - PB



Fonte: Aplicativo *Google Earth*. Imagem aérea - Bonito de Santa Fé –PB

Logo, sua história é trilhada como um lugar diferente das grandes metrópoles como Londres, Paris e cidades como Recife, que se tornam visíveis as grandes conurbações, uma discussão travada pelo autor Patrick Geddes (1994, p. 43), ao estabelecer como solução para a cidade o planejamento de seu centro e das regiões que a compõem.

Assim, como lugar não possuidor das grandes referências materiais dos aglomerados urbanos, a cidade de Bonito de Santa Fé, se apresenta com seu caráter específico diferente das outras em tamanho e população e, está no espaço urbano como qualquer outra. Porém, em meio as suas singularidades o que a aproxima das outras é o fato de mostrar-se como os demais núcleos urbanos: ela é a moradia dos homens; é, sobretudo, nesse tecido urbano que as pessoas se agregam para resolver seus problemas de trabalhos administrativos em bancos e em repartições. É o lugar de criação do homem, da arte, da realização dos sonhos, essencialmente, para pensar em ter uma vida moderna. Por essa via, a cidade sempre acolhe pessoas que vêm de diversos lugares para visitá-la, ou até mesmo para morar, em busca de melhores condições de vida. O que temos que ressaltar é que existe um ritmo cotidiano na cidade que se faz no tempo.

Essa dimensão do cotidiano do espaço urbano oferece uma problemática em relação ao tempo, em que essas inquietações surgem por meio do passado que buscamos compreender a historiografia urbanista dando enfoque no tempo presente. Entrementes, pode-se entender que o tempo do espaço urbano oferece muitas camadas que a cidade absorve com as transformações que a sociedade vem passando, ao correlacionar-se com o passado, e que remota para indícios de mudanças na percepção do tempo e do espaço, que inquieta a fim de pensar sobre as visões do presente, do passado e do futuro (cf. Muller, 2007, p. 19-20).

A dimensão da história do tempo presente abre uma porta para se entender os nossos ritmos e nossas pegadas atuais na cidade, que nos remete a pensar sobre inovações e acontecimentos que têm implicação nesse sentido do padrão moderno. Dessa forma, o ambiente de transformações projeta os valores e atitudes que rodeiam essa construção da realidade da cidade como forma de pensar um projeto do presente para o futuro (Muller, 2007). Esse lugar da cidade, portanto, faz florescer histórias para ser contadas com seus mais diversos sentidos por aqueles sujeitos passantes como o *flâneur* de Walter Benjamin, que nas suas viagens observava a cidade de forma vagarosa, conduzindo-nos a ter diversos olhares sobre a arte de narrar a história, no qual permite perceber esse espaço da conjuntura material, social e da cultura do cotidiano que representa a cidade .

A cidade, por sua vez, nos conduz ao imaginário de aquisição de um ambiente, uma apropriação do moderno, ou seja, um espaço do contemporâneo que agrega os que se envolve

e circunda nas suas ruas. Do ponto de vista dos estudos de Cássio Eduardo Hissa (2006), a *polis* é o fomento da vida moderna, que cada vez mais se mostra como sendo o espaço do homem que se materializa pelas imagens das mudanças que vêm acontecendo na cidade. O autor Hissa (2006, p. 86) acrescenta que:

A cidade é a luz feita do eu e, do outro, a iluminação do conflito, feita do estranhamento e da alteridade. A cidade é ambiente do mundo moderno, feito de espelhos, no qual os homens nem sempre se reconhecem. De luzes e sombras: a cidade é, assim, feita de várias cidades. É o ambiente, feito dos seres, feito de nós, interpretado como o outro que não nos pertence. É a vida que interroga.

A história do tempo presente propicia pensar acerca dessa discussão em relação às questões do estudo que envolve a história dos homens e mulheres que estão envolvidas na vitrine da cidade, que nos possibilitam olhar para essas vivências do cotidiano atual da cidade por meio do protótipo de um historiador da contemporaneidade, mas sem jamais se esquecer de percorrer a história do passado dessas cidades. Uma vez que a Polis é o espaço de aproximação do encontro, de chamar para dialogar, sobretudo do reconhecimento, ou mesmo é incorporar uma imagem de sertão pela relação espacial que apresenta com o seu entorno (Hissa, 2006).

Entretanto, a cidade do sertão representa também uma camada de aproximação dos indivíduos, de construir o seu imaginário desse espaço urbano que com seu crescimento vislumbra os diversos elementos de mudanças, inovadores.

A imagem de satélite mostra como a cidade cresce tanto na área urbana como em relação à população, ao passo que o crescimento mais rápido se dá com a população. Diante deste exposto, a cidade de Bonito de Santa Fé, atualmente, tem cerca de 10.252<sup>2</sup> habitantes, ou seja, ela se desenvolve de acordo com sua realidade. Com esse crescimento populacional dos centros urbanos, começa a ganhar forma urbanística: suas áreas urbanas foram se modificando, com a construção de ruas, de bairros, as praças foram sendo remodeladas passando pelo processo de picaretas como bem descreve Nicolau Sevckenko (cf. 1992, p. 36). E nestas ruas passaram a circular muita gente, ou mesmo, as pessoas que vinham das zonas rurais para morar, alguns desempregados, outros com melhores condições de vida financeira.

A princípio, essa dimensão das inovações da modernidade abriu também fluxos para o movimento de carros que começaram a chegar à cidade, uma vez que, transforma totalmente a travessia das vias públicas. Conforme Barros (2006, p. 105) “Esse sistema de transporte obedece a outra relação. Ele é aproximadamente linear, ou seja, cresce com o raio da mancha

<sup>2</sup> Dados colhidos no site Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

urbana e não com a área”. Então, percebe-se que essa renovação acontece devido ao aumento da população que vem chegando à cidade.

Além disso, o espaço urbano da cidade foi ficando extenso, tendo um crescimento significativo, como a criação das periferias, como exemplo, o conjunto habitacional popular, bairro Pousado Alegre e Jardim das Neves, visto que, esses bairros são criados em lugares mais afastados do centro da cidade; é o lugar onde surgem mais riscos com a questão das doenças, e a poluição, com mais chances de serem alagadas. Porém, é também nesses bairros que a população mais humilde está agregada, ou seja, é nesse espaço que desfilam aquelas pessoas que se envolvem com drogas, então, é uma série de problemas que geram com esse crescimento demográfico. Ao mesmo tempo na cidade foram também modificados os hábitos antigos que vão sendo mudados por novos, os jovens já têm outra mentalidade, diferente das pessoas antigas, até mesmo as pessoas mais velhas têm outro estilo de vida, que já é diferente da geração mais velha, a maneira de viver o dia a dia sofre mudanças. Isso acontece porque, com as práticas novas de divertimento que surgiram, como esportes, danças, lojas e bebedeiras, que antes não existia, a cidade foi se modificando com esses marcadores sociais e culturais.

Dessa maneira, mesmo em suas ruas sendo construídos novos edifícios que se encaixem no período moderno, a cidade ainda se encontra com velhos casarões, as casas em algumas ruas são projetadas em fileiras e conjugadas, e só os bairros mais novos da cidade que se mostra com casas mais modernas. A rua central encontra-se naquele modelo antigo da cidade do interior com uma praça no meio, a Igreja Matriz, as casas do lado e outro da praça. Assim, é nas cidades que acontecem as feiras livres, sobretudo, na cidade de Bonito de Santa Fé, onde acontece toda segunda-feira, desde seus primórdios até os dias atuais. Todavia, o espaço que acontece a feira livre é o lugar que se encontra o ponto comercial da cidade, e antes tinha um mercado muito velho que é onde a população se reúne para conseguir uma renda, principalmente, aqueles feirantes que vinham do sítio para vender seus produtos na feira, pois era um espaço que atrai muita gente. Segundo Clemente (2018 p 109) “Os feirantes gritam apregoando as qualidades de seus produtos são bem melhores. As pessoas circulam muito, pechinham, ou seja, está a procura daquilo que bem quer suas barracas preferidas”. Então, a cidade é o lugar que abastece as populações com seus mercadinhos.

É na cidade de Bonito de Santa Fé que encontramos equipamentos como escola, equipamentos de saúde que foram criados pensando no bem-estar da população, visto que, antes não havia muitos desses equipamentos, pois em relação ao campo da saúde, só existia uma maternidade, que atendia toda a população que mora na zona urbana e os da zona rural,

sendo, que essa maternidade era financiada pelos administradores do município, pois é na cidade que também tem seus gestores que estão no poder do município. Por outro lado, em relação à educação, quase não existia, pois contava com poucas escolas, que eram municipais e do estado.

A cidade, nesses séculos XX e XXI, contou com a construção de um ginásio que foi construído para desenvolver atividades diversas da cidade, tanto escolares como esportiva, visto que, antes não tinha nenhuma atividade esportiva no município.

Então, percebe-se que vai se instaurando novos hábitos na cidade, as pessoas mais jovens surgem com novas ideias e influenciam as pessoas mais velhas a também quererem praticar novas atividades. Portanto, o espaço de sociabilidade que foi criado na cidade era de forma simples, um prédio com paredes antigas que ali as pessoas compartilhavam muitas experiências e momentos bons que evoluíram o pensamento e a maneira de viver coletivamente na cidade. Isso nos possibilita refletir sobre o pequeno município de Bonito de Santa Fé, que durante seus anos de existência também teve seu espaço transformado e discutido.

## CAPÍTULO II

### 2.1 Quando o bonitense encontra a cidade

Ao descer à Rua Manoel Batista Leite, podemos visualizá-la! São cores, esquadramento de espaços, casas conjugadas, telhado em duas águas, um burburinho de vozes e um grau de sociabilidade que leva à praça mais próxima as pessoas para o encontro, para o lazer noturno e a troca de ideias e olhares.

A Rua Manoel Batista Leite cumpre na cidade a função, o papel cultural, de memória histórica, em que as pessoas se encontram para realizar seus momentos de oração na Igreja Matriz de Santo Antônio de Pádua; é também o espaço que acontecem as festividades da cidade, no qual reúne a população bonitense. Sobretudo, é um espaço que mostra a realidade da cidade com suas casas, com modelos mais antigos, outras que passaram por uma remodelação, uma praça com seus traços modernos e que carrega a história das pessoas que ali habitam para ter um momento de diversão.

Ao chegar nessa rua, podemos encontrar um ponto comercial muito antigo que é conhecido como coreto bar, um espaço histórico da cidade que representa o ponto econômico, que contribui com a venda de seus produtos. É também o espaço da moda, que conta com lojas de roupa, para que as pessoas possam escolher suas melhores vestimentas.

Figura - 02: Rua Manoel Batista Leite



Fonte: *Instagram*: ON7 SOLUÇÕES. Imagens aéreas (Jan. 17. 2022).

<sup>3</sup> No dia 31/08/2023 a praça que se mostra na imagem denominada de Corsina Arruda foi demolida para ser construída outra que vai ganhar o estilo do moderno, mas o lugar antigo ficará marcado por grandes histórias e abrindo portas para novas narrativas.

A Rua Manoel Batista Leite mostra-se nas suas fotografias estruturas urbanas, com seus corpos de uma cidade antiga, tais como as casas. Subitamente, visualiza-se uma das primeiras casas que foram construídas na área urbana, com seu telhado ainda em duas águas; o modelo continua sendo preservado. Sobretudo, é na rua que tem o burburinho dos risos das pessoas que se encontram para vibrar suas vidas.

Ao entardecer, as pessoas se reúnem nas suas calçadas para conversar sobre vários assuntos do seu dia a dia, e até mesmo para marcar um momento de lazer com seus amigos e vizinhos nos momentos vagos. Os jovens se unem na praça para falar sobre suas aventuras, os jogos de futebol que acontecem na cidade e chamar os amigos para fazer uma caminhada, que é atividade muito comum pelas pessoas da cidade.

Na tarde do sábado, quase à noite ao descer nessa rua, podemos visualizá-la mais movimentada do que nos dias normais, o ruído da buzina dos carros e motos intensifica-se, formando um aglomerado, as pessoas sentadas nas lanchonetes, bares e sorveteria ou ponto do açai. É um espaço de sociabilidade que encontramos na cidade, em que são compartilhados momentos bons de divertimento entre as famílias e amigos.

Ao chegar à Rua Manoel Batista Leite, pode-se observar que o modelo arquitetônico da praça passou por um processo de remodelação. Antes havia uma estrutura muito antiga. Hoje, está bonita, moderna, deixando a rua com uma beleza diferenciada. Uma vez que essa rua é o ponto principal da cidade, quem vem de outras cidades tem que passar por essa avenida.

Quando chega o mês das festas juninas, essa rua fica mais agitada, no ritmo do São João, com a tradicional festa do padroeiro Santo Antônio. É na Rua Manoel Batista Leite que acontecem as festas, a praça é ornamentada com as bandeirolas que deixam aquela animação na cidade. As festas da Igreja católica iniciam no dia 1º de junho, seguindo até 13 de junho, que marca a celebração da adoração a Santo Antônio. Essas festividades antes eram bem animadas, era realizado um leilão, mais numerosas eram as barracas na rua, e vinham outros comerciantes, de fora, vender seus produtos nesse período. Aos poucos, essas práticas foram diminuindo. Ainda acontecem as celebrações religiosas, porém, com um ritmo festivo diferente, ou seja, sem o leilão, só com algumas barracas de alimentos das pessoas que fazem parte da Igreja. As festas que são realizadas na igreja católica é uma graça divina, pois trazem bênçãos e fortalecimento para a fé cristã dessa gente.

À noite, a animação dos jovens é garantida com a festa dançante, que são realizados em três dias festivos, dos dias 10 a 12 de junho, com bandas de forró, que trazem a alegria para a população bonitense. É também realizada a quadrilha, uma prática típica dessa

sociedade nordestina. É a época que a cidade fica bem movimentada, recebendo a visita das pessoas que vêm participar desses eventos. Todos esses visitantes devem levar saudades desse lugar, visto que, as pessoas desta cidade são acolhedoras, e tem o desejo de ver os viajantes retornarem para passear por essa rua.

Ao andar por essa Rua Manoel Batista Leite, visualizam-se as remodelações que vem acontecendo nesse espaço urbano. A Igreja Matriz Santo Antônio está passando por esse processo de modificação. Por ser um prédio danificado pela idade já avançada, houve a necessidade de passar por essa reforma, que está ficando com uma estrutura diferente, com um estilo da modernidade. A praça ao lado também passou por esse processo de modificação, os bancos foram refeitos, ficando um lugar mais agradável, para que as pessoas possam se sentar ao domingo à tarde, e combinar para sair para uma lanchonete à noite.

Essa alameda, por ser uma das mais antigas da cidade; os prédios e as casas ainda preservam seu estilo arcaico, algumas foram remodeladas. A grande mudança que ocorreu nesse espaço urbano do lado direito foi no antigo prédio, local onde funcionou a fábrica de Algodão que era da família Timóteo e Arruda, no qual foi demolido para ser construída uma casa que se mostra com sua beleza diferente, que pertence ao grande empresário da cidade, que está se destacando na rua por está representando um padrão de moradia moderna.

Ao longo da semana, especialmente à noite, presencia-se um silêncio absoluto, sem o barulho dos veículos e das motocicletas. Nesse momento, as pessoas se recolhem em seus lares, alguns dos quais talvez nunca tenham conhecido antes. Porém, tenho certeza de que elas nutrem planos e sonhos, esperando despertar pela manhã e romper com o silêncio reinante nas ruas da cidade.

Essas ruas também são lugares cheios de história e de sonhos, em que as pessoas almejam construir sua vida pensando sempre em realizar o melhor para sua família, pois nesse espaço da cidade são compartilhados momentos de vivências e experiências que compõem o imaginário de cada indivíduo que deixa suas lembranças de suas realizações.

A Rua Manoel Batista Leite encontra-se como sendo a mais bonita da cidade, pois seu espaço é largo e longo, uma praça que divide os lados da rua à esquerda e à direita. O conjunto de casas da esquerda tem suas cores e modelos mais antigos, e as casas da direita com estrutura mais moderna. Ao observar esse espaço, encontra-se um lugar de sociabilidade das pessoas que constroem suas identidades.

Ao percorrer outras ruas da cidade de Bonito de Santa Fé, principalmente, na Rua Pref. Adalto Luís de Oliveira Pereira, percebe-se que há uma sociabilidade, pois é um espaço bem movimentado, formando nesse núcleo urbano um espaço de entretenimento, de ciclos de

civilidade entre as pessoas. É nesse espaço que os homens se agregam para resolver seus problemas de vida.

Esta Rua Prof. Adalto Luís de Oliveira Pereira contempla-se com alguns prédios mais modernos e outros, com estruturas antigas, que não passaram pelo processo de remodelação. É nesta alameda que acontecem muitos eventos: a exemplo, a feira livre. Toda segunda-feira esse espaço fica cheio de bancas com vendedores que moram na cidade, e outros que vêm das cidades vizinhas para vender suas mercadorias. Decerto são produtos diversos como alimentos, roupas e utensílios.

Figura – 03: Rua Prof. Adalto Luís de Oliveira Pereira



Fonte: Arquivo pessoal - Aparecida Cezario - 10/05/23

É um espaço cultural marcado por uma tradição que vem sendo praticada até os dias atuais. Uma grande novidade que podemos visualizar nesta rua é a reforma do mercado que impactou a cidade, pois tinha aqui um mercado muito arcaico, que era desde emancipação do município, de Bonito de Santa Fé; é interessante que no período este mercado foi construído dentro de uma lagoa. As pessoas que o construíram foram heróis em realizar essa construção. Devido à situação precária que se encontrava o mercado público, foi necessária a cobrança, sobretudo, da população bonitense para que houvesse uma reforma, mas o que aconteceu de fato foi ter que demolir todo o imóvel, e foi construído um novo prédio no mesmo lugar, com outra estrutura, e com traços de modernidade.

Atualmente, o mercado público municipal Alfredo Barbosa de Lira passou por uma remodelação que resultou em um visual muito agradável. Foram implantados Mini Boxes para possibilitar que as pessoas comercializem suas mercadorias, sendo que o mercado funciona todos os dias da semana. Nesse local, é possível encontrar uma variedade de produtos que atende aos desejos de toda a população bonitense.

Ao chegar à Rua Pref. Adalto Luís de Oliveira Pereira, podemos perceber que é um espaço muito movimentado, pois aqui acontecem muitos eventos realizados pela equipe da prefeitura. É aqui que nos dias de festa tem um espaço de diversão para as crianças, como por exemplo, um parque com muitos brinquedos.

O traçado dessa rua é basicamente comercial, em que as pessoas resolvem seus problemas administrativos no posto da Caixa Econômica. Realiza suas compras de móveis e eletrodomésticos, pois temos uma loja muito antiga que atende toda a população, a loja Ponto Final, em que se encontra aberta todos os dias. Encontra-se também outra loja, que é mais nova, que oferece seus serviços de vendas de móveis e de eletrodomésticos: a Loja Eletronil.

Na esquina desta rua encontra-se o bar de Gavião, um ponto comercial bem antigo, e é lá que acontece o encontro dos amigos, no qual há o compartilhamento dos momentos de diversão e de combinar um passeio com os parceiros no final de semana. O prédio é antigo, com seu formato e cores desde quando foi construído, é um lugar que tem muitas histórias para contar, que deixou lembranças afetivas nas pessoas que vivenciaram esses momentos de agitações.

A Rua Pref. Adalto Luís de Oliveira Pereira contempla-se! Um espaço da moda com várias lojas de roupa e calçados, umas mais antigas como a de Maria Rita, que sempre ofereceu produtos de boa qualidade para a população. Ao passo, também surgiram outras mais novas, trazendo mercadorias da moda. Quando chegamos nesta rua, encontramos uma variedade de serviços disponíveis para atender as pessoas que habitam na cidade e os visitantes.

Nesta rua tão agitada durante os dias da semana, também encontramos um mercadinho que vende alimentos, que abastece as famílias com seus produtos alimentícios. Ainda com suas práticas de vendas antigas, que não mudaram seus hábitos de atendimento aos clientes.

Essa Rua Pref. Adalto Luís de Oliveira Pereira é um lugar de sociabilidade, em que muitas pessoas encontram seus amigos ao descer nessa alameda, e que passa um bom tempo conversando sobre suas vidas, as suas vivências, ou seja, é um espaço de compartilhamento, de contar suas histórias e travessuras que marcam suas vidas naquele lugar, relembrando os dias de animação que aconteciam nessa rua.

Ao entardecer, essa rua fica em silêncio, os donos dos comércios vão para as suas casas descansar, para que no outro dia possam iniciar sua rotina com mais disposição e alegria para atender as pessoas que vêm resolver seus problemas, e seus amigos, que vêm para conversar um pouco com os comerciantes.

Este quadro, que tão bem representa a cidade com seus dias movimentados, é um mundo de memórias coletivas e de memórias individuais do cidadão, que nos possibilita narrar o sentido dessas vivências colecionadas no núcleo urbano. É, sobretudo, na Rua Prof. Adalto Luís de Oliveira Pereira, que as pessoas têm a oportunidade de trabalhar e sonhar com um futuro melhor para sua família, pois os donos dos supermercados e lojas de roupas que estão localizados nessa avenida oferecem essas experiências de empregos para aqueles que estão desempregados.

## **2.2 E a cidade se problematizava**

O ano de 1971 trouxe à cidade de Bonito de Santa Fé debates que irão marcar decisivamente o seu traçado e as intervenções urbanas na cidade. Assim descreve as atas que se encontram na Câmara Municipal, em que relata sobre a realização de obras inadiáveis de urbanização da cidade, como o serviço de abastecimento d'água que já havia iniciado o processo. Outro ponto que foi assunto de debate foi a reunião que tinha como objetivo apresentar o projeto de Lei que autoriza o poder executivo a alienar bens do município para ser utilizado na implantação de calçamento e meio fio na Av. Epitácio, Quintino Bocaiúva e Marechal Deodoro. Assim, ao final da reunião a ata foi lavrada, tendo sido assinada pelo Sr. Presidente e vereadores presentes.

No dia 28 de junho de 1972, presumindo esta prefeitura um terreno anexo em que foi construída uma lavanderia pública, o qual mede 36x15m e impossibilita o aproveitamento do terreno em outra construção ou obra. Assim, resolve o Executivo, para o terreno não ficar sem utilidade, dividi-lo em seis lotes e doá-los para pessoas reconhecidamente pobres, como exemplo de Pedro Chagas, Antônio Catarina, Manuel Moreira, Antônio Isidora, João Isidora e Socorro Isidora. Para construir casas para moradia. Diante disso, para efetivar a doação, solicitamos a presente indispensável autorização Legislativa, em que acredita que não será negada devido a situação de pobreza que encontrava os beneficiados. Atualmente, não existe mais essa lavanderia, que por muito tempo serviu de apoio para as lavadeiras da cidade.

Nesta perspectiva, em 14 de março de 1973 surge uma matéria com o Projeto de Lei que aprova o Plano Rodoviário Municipal, anteprojeto abrindo crédito especial de 9.500,00 (nove mil e quinhentos cruzeiros), e uma Lei que cria o ginásio do município de Bonito. Neste

sentido, houve um debate em que é dada a necessidade de efetuar despesas com diárias, locações de veículos e vestuários nos setores de tesouraria, Ensino Médio, Educação Física e saúde, visto que, não existem dotações orçamentárias, que foi feito fora das normas e necessidades exigidas por esta prefeitura. Portanto, no dia 15 de março de 1973, ocorreu a votação, na qual os projetos que foram apresentados no dia 14 de março deste ano foram aprovados por unanimidade, sendo os seguintes projetos: Plano Rodoviário Municipal; anteprojeto que abre crédito especial de 9.500,00 (nove mil e quinhentos cruzeiros) e uma Lei que cria ginásio do município.

Assim, em 10 de setembro de 1975, em uma matéria que apresenta uma resolução nº 175 que beneficia essa Lei complementar nº 25 de 02 de julho de 1975, fixa a remuneração mensal dos vereadores deste município em partes fixa e variável assim instituída fixa em CR\$ 150,00, e variável em CR\$ 150,00, sendo que esta última especificamente a trinta diárias a CR\$ 5,00 (cinco cruzeiros), totalizando a 300, 00 mensais. Desse modo, no período de 26 de outubro de 1975, a matéria deu-se com a pauta de um projeto de Lei para criar a Rua Miguel Ponciano, no qual o projeto foi analisado pelos vereadores e aprovado por unanimidade. Nesse mesmo ano de 1975 foi apresentado um projeto, que tinha como pauta tirar um trecho da Rua João Martins e nomeá-lo de Miguel Ponciano. Esse projeto passou pela votação dos vereadores, que foi aprovado e ao final o projeto foi enviado ao poder executivo para a devida sanção e ser tomadas as providências.

No ano de 1977 foi apresentado projetos; um deles, de nº 159 de 15 de fevereiro de 1977, tinha o objetivo de criar a Secretaria de Educação do Município. Sendo que no art. 2º diz que a finalidade dessa secretaria será para desenvolver a Educação Municipal em todos os seus graus, estimular a cultura, a criatividade artística em geral, o uso do costume das tradições municipais, sempre voltadas para interesse do estudante e ensino em geral. Desta forma, foi apresentado outro projeto de Lei de nº 160, que cria a Secretaria de Obras e Urbanismo do Município. No seu art. 2º versa sobre a finalidade dessa secretaria que é, sobretudo, para executar e fiscalizar as obras do município. Logo, esses projetos foram todos aprovados pelos vereadores.

Assim, nesse mesmo ano foi apresentado um decreto 02, de 6 de maio de 1977, em que o poder executivo desapropriou dois terrenos, situados à Av. Epitácio Pessoa, e um anteprojeto de Lei nº 001/77, alinhado um crédito especial de CR\$ 180.000,00 (cento oitenta mil cruzeiros) para despesa desta desapropriação, cuja finalidade é fazer doação de parte do terreno ao Banco do Brasil S.A, a fim de construir a agência do banco nesta cidade. O decreto foi analisado, portanto, e foi aprovado.

Desta forma, no ano de 1979 ocorreu um debate que conta com um Projeto de Lei do chefe do poder Executivo de nº 01/79, no qual solicita autorização para obter um crédito especial de CR\$ 300.000,00 (trezentos mil cruzeiros) para convênio assinado com a CAGEPA e assim ter uma abertura para obter transporte de comércio e outros serviços, bem como o serviço de continuação do sistema de abastecimento d'água da cidade de Bonito de Santa Fé. Portanto, foi decidido na reunião seguinte com a presença de todos os vereadores e alguns cidadãos deste município, que a Resolução nº 01/79 foi votada e aprovada por unanimidade.

Neste mesmo ano de 1979, a reunião extraordinária da Câmara Municipal com a finalidade de estudar e aprovar Projeto de Lei que doa terreno ao estado, para construção do prédio da Coletoria Estadual, sendo que este projeto foi posto em votação e o mesmo foi aprovado.

Assim, no ano de 1980, a presente reunião versa sobre a pauta da entrega de uma área de 22 x 30 metros de terra destinados à construção de uma agência do Banco do Estado da Paraíba, no qual o chefe do poder Executivo convidou o presidente da instituição, pois é filho desta terra, e ao se fazer presente à solenidade aproveitou a oportunidade para entregar-lhe a escritura de doação da referida área, e que dependendo da gestão a cidade será beneficiada com a agência do Banco do Estado. Logo, nesta reunião, com a presença de alguns deputados, o gestor se dirige a uma torneira e aproveita para inaugurar de maneira oficial o novo sistema de d'água do município de Bonito de Santa fé, que resolveu o problema da falta de água na cidade.

Na reunião seguinte, foi apresentado um anteprojeto autorizando o chefe do poder Executivo a fazer doação de um terreno com a dimensão de 22 x 30 ao Banco do Estado da Paraíba, para a construção de mais uma de suas agências em nossa cidade, outro anteprojeto autorizando o chefe do Poder Executivo a fazer alienação de um Corcel Belina, modelo 78, vinculado à divisão da Educação e da Cultura do Município, mas depois seria adquirido outro utilitário para a mesma divisão, conforme previsto na Lei Orçamentária. Portanto, ao final da reunião foi posto em votação os anteprojetos e aprovados.

No ano de 1981 é apresentada uma matéria com a necessidade de ser erguido um hotel no perímetro urbano do município, capaz de atender ao número de visitantes que hoje visita esta cidade e que está carente deste tipo de assistência. Após os projetos terem sido apresentados, foram postos em votação e aprovados por parte dos vereadores presentes.

Desse modo, nesse ano de 1981, surgiu uma matéria muito interessante para o município; versa sobre a pauta de anteprojeto de Lei de nº 09 e 10, ambas dotadas de 14 de maio de 1981, em que faz luzias quanto à abertura de crédito especial para aquisição de uma

faixa de terreno destinada à construção de uma Usina Algodoeira e a doação dessa faixa de terra por parte do município denominada de: à Usina Algodoeira Santa Fé LTDA, seria para construir esse empreendimento. Portanto, o projeto se mostrava de interesse para o município, foi posto em votação e não recebeu nenhum voto em contrário. Essa Usina Algodoeira funcionou na Rua Dr. Manoel Batista Leite, no centro do Município.

Todavia, no ano de 1982 foi posto em pauta um anteprojeto de Lei nº 01/82 de 25 de fevereiro de 1982, no qual o chefe do Poder Executivo pede autorização ao poder Legislativo para que o município faça um financiamento ao Banco do Nordeste S.A de CR\$ 6.000.000,00 (seis milhões de cruzeiros) destinados para complementar as despesas da construção do terminal rodoviário. Com o presente anteprojeto, os vereadores analisaram a matéria e entenderam que era um benefício para o município, e decidiram aprovar o projeto.

Diante disso, surge outro debate em relação a um projeto nº 05/82 de 30 de novembro de 1982, de autoria do poder Executivo Municipal, onde este manifesta intenção em fazer doação de uma faixa de terra à Emater, local para fazer a construção do seu escritório, uma vez que, o prefeito estava atendendo solicitação dos vereadores. Ao analisar o referido projeto, foi posto em votação, sendo rejeitado com o seguinte resultado: 3 votos contra e 2 a favor.

Desta forma, no ano de 1983 o chefe executivo municipal apresenta três projetos de Lei de nº 04, 05, 06, dotados de 27 de abril de 1983, no qual o primeiro refere-se à doação de uma faixa de terra com a dimensão de 21, 30 x 26 metros, à Emater para a construção do escritório, sede nesta cidade de Bonito de Santa Fé, visto que, esse projeto foi apresentado no ano de 1982 e foi rejeitado; desta vez foi analisado e aprovado por parte dos vereadores da casa Legislativa. Nesse período de 1983 foi apresentado o projeto de nº 06, autorizando o chefe do poder executivo municipal, utilizar de crédito especial, montante ordem de CR\$ 9.000.000,00 (nove milhões de cruzeiros) nos serviços de construção do Fórum e do prédio da Câmara Municipal. Mais um projeto que foi aprovado, e os vereadores entenderam que era de interesse da coletividade, sendo um benefício para a cidade.

Outro debate em questão foi um anteprojeto de Lei de autoria do poder executivo municipal, de nº 10/83 datado de 05 de setembro de 1983, em que o prefeito pede solicitação de autorização legislativa para que este proceda com a doação de uma faixa de terra medindo 10,000 m, à secretária de Educação e Cultura do Estado. Logo, o chefe do poder executivo justifica-se com o real motivo que é a necessidade de proceder com a intenção, haja vista que, o município desde muito dotado de um colégio de 2º grau, e que funcionava em dependência precária, pois ainda era cedido pela extinta Fundação Padre Ibiapina. A matéria foi analisada

pelos vereadores, e ligeiramente apreciada. Porém, surge uma curiosidade por parte de um dos vereadores, em que fez mudar o rumo da reunião. O vereador queria saber onde e de quem era a faixa de terra doada. Logo foi resolvida a questão em que o presidente da Câmara explicou a dúvida e em seguida resolveram aprovar o projeto.

No ano de 1986, foi apresentado um projeto de Lei nº 003/86, do dia 19 de abril do corrente ano. No projeto, o poder executivo solicita autorização para fazer doação de uma área de terra do município ao governo do Estado da Paraíba, sobretudo, à Secretaria do Trabalho e Serviços Sociais, para que este órgão construa na área em apreço um prédio cuja finalidade seja o financiamento da Creche Mãe Nanzinha que desde muito tempo funcionava em prédio alugado pelo município, em condições precárias. Visto que, a matéria era importante para a sociedade bonitense, foi analisada pelos os vereadores, sendo, portanto, aprovada por unanimidade.

### **2.3 Da cidade para os habitantes: a criação da Lei Orgânica do Município**

No ano de 1989, deu-se início ao debate da criação da Lei Orgânica, ou seja, carta orgânica como o Poder Legislativo a chamavam; assim, acontece a primeira reunião com um debate convocando os constituintes a fazerem uma Lei Orgânica sem erros por parte dos políticos partidários. Diante de um ponto importante, o secretário de administração do município, ao ser convidado para fazer o seu pronunciamento, afirma que repudiou veementemente a falta de participação da população bonitense para se fazer presente nesse debate, uma vez que, é uma pauta muito relevante para a cidade, pois é obrigação do cidadão colaborar e tornar parte da criação da Lei Orgânica do município.

Dessa forma, ao longo do ano de 1989, os encontros da Câmara diziam respeito à deliberação sobre as sugestões que os vereadores trariam para serem incorporadas ao projeto da Lei Orgânica do município, uma vez que tinham que respeitar o prazo estabelecido para a entrega dessa lei. Então, os vereadores apresentavam suas sugestões, e ocorria a votação. Com isto, era enviada para o juiz da 39ª zona avaliar. Porém, uma das sugestões postas foi sobre a questão do meio ambiente, uma pauta relevante que tomou muito tempo na reunião.

Diante desse fato, os vereadores tinham como objetivo nas sessões apresentar sugestões para ser colocada na Lei que estava em processo de construção; em todas as reuniões eram apresentadas propostas e analisadas pelos membros da comissão constituinte. Desta maneira, como o prazo para finalizar estava se aproximando, em reunião em pauta do dia 06 de fevereiro de 1990, o presidente da Câmara Municipal deixou claro aos constituintes que, se até o dia 14 do mês em curso as comissões não tiverem apresentados os seus

trabalhos, a comissão temática irá se responsabilizar por finalizar o Projeto de Lei Orgânica. Uma vez que essa Lei tinha um papel muito importante para o município, pois é a Lei que rege a cidade.

Nesta perspectiva, a Lei deveria ser promulgada até o dia 05 de abril do ano de 1990. Em março desse mesmo ano, os constituintes e a comissão de sistematização entregaram o projeto da Lei maior do município ao presidente, para que colocasse em pauta nas seguintes reuniões.

No debate do dia 13 de março, o presidente declarou aberta a sessão colocando em votação o Título I, dos princípios fundamentais, artigo 1º seus parágrafos e incisos. Quando o presidente termina de fazer a leitura, logo é questionando se havia uma Emenda, ao ser apresentada a Emenda sob o número 001/90, foi de imediato reprovada, com isto, apresentou-se outra Emenda de número 002/90 que foi aprovada e modificou o artigo 1º. Em continuidade da matéria, o presidente colocou em votação o Título II dos direitos e garantias fundamentais, capítulo I “Dos direitos individuais e coletivos”. Portanto, com a matéria sendo discutida, o vereador apresentou Emenda ao prefixo do capítulo I como substitutiva sob o número 003/90, que passe de “Dos direitos e garantias individuais e coletivos” para a redação “Dos direitos do habitante do município”, essa emenda foi colocada em votação e reprovada.

Logo, na reunião seguinte foi colocado em votação o Título II e o cap. I com seus respectivos artigos, sendo, portanto, aprovados. E assim, todos os artigos foram apresentados e aprovados por unanimidade dos votos por parte dos vereadores. Apesar disso, na seção V, o artigo 67 foi excluído o parágrafo terceiro, na parte que trata da exoneração do secretário municipal pela Câmara. No entanto, depois de serem colocados em pauta todos os artigos da Lei Orgânica, foi promulgada em 05 de abril de 1990.

#### **2.4 Os símbolos do urbano fomentam o protagonismo dos habitantes**

A cidade tem seus símbolos que a mobilizam e lhes dão vida em seu tempo presente.

Os símbolos que fomentam o protagonismo da história do povo bonitoense estão ligados aos aspectos da religiosidade, por meio de uma cultura marcante que envolve os habitantes da cidade para venerar a fé cristã.

A história da religião de Bonito de Santa Fé tem um significado muito importante, e deve ser reverenciada, pois se relaciona à guerra com o Paraguai; isso aconteceu porque dois irmãos, que se chamavam Manuel e José de Freitas, descendentes das famílias Freitas e Timóteo, que faziam parte desse território, foram convocados para a luta contra os paraguaios, no qual se aliaram ao exército brasileiro. Porém, ao atravessar as fronteiras dos inimigos, os

dois irmãos se isolaram no casebre abandonado, local onde encontraram uma imagem de Santo Antônio, assim, Manuel de Freitas por ser muito católico pensou que não poderia deixar aquela imagem ali jogada. Diante disso, ele faz a seguinte promessa: que se ele e o irmão se livrassem dos horrores da guerra, e chegassem aos seus territórios salvos, mandariam construir uma Igreja. A Igreja foi consagrada a Santo Antônio, uma vez que, essa imagem foi encontrada em um momento de aflição, tornando-se assim, o padroeiro da cidade.

Todavia, a guerra chega ao fim e depois de enfrentar os perigos nesse período conseguem voltar salvos. Mas, a um dos irmãos Manuel de Freitas não foi dado o direito de realizar a promessa, pois, adoeceu e percebendo que seu estado de saúde estava se agravando, falou com seu parente Francisco Timóteo de Sousa, deixando encarregado para realizar a sua promessa feita quando era ex-combatente na guerra do Paraguai, e, com isso, entregou a imagem de Santo Antônio e os bens materiais que possuía para que fosse realizada a construção da Igreja naquele território. Logo, com a morte do ex-combatente, o senhor Francisco Timóteo começa os trabalhos para realizar a construção com a ajuda dos seus parentes e amigos que habitavam nas redondezas, e conseguiram construir a Igreja.

Dessa forma, a construção do templo tornou-se um símbolo de esperança e resistência, movendo um marco importante que se instalou na história da população bonitense, pois, a fé católica é um marco da formação dessa sociedade.

Nos dias de hoje as práticas da religião católica envolvem os habitantes de Bonito de Santa Fé, visto que, aos domingos pela manhã o sino da Igreja toca e ao sair pelas ruas da cidade, encontram-se as pessoas indo em direção à Igreja para venerar a sua fé. À tardezinha do domingo, o badalar do sino se repete para avisar que a celebração da missa vai começar contando com a participação da população que tem o compromisso de manifestar sua fé. Logo, esses costumes são praticados por jovens, crianças, adultos e pessoas mais velhas, uma vez que, o processo de evangelização é algo constante e formador na mentalidade da própria comunidade.

Com a chegada do Pe. Francisco Pereira Mendes (pároco atual) as festividades da Igreja passaram a acontecer com mais frequência e assiduidade, sendo que ele tem muita dedicação pelo Padroeiro dessa cidade que é Santo Antônio de Pádua. Ao chegar à urbe, ele construiu muitas amizades, aos finais de semana costuma fazer visitas às comunidades na casa daquelas pessoas que não conseguem fazer sua oração na Igreja, pois ele com sua humildade está desenvolvendo um trabalho muito bonito que vai ficar marcado na história da religião dessa comunidade.

Nesta perspectiva, outro santo que os habitantes da cidade têm devoção é o Padre Cícero Romão Batista, conhecido pelos nordestinos como “Padim Ciço”<sup>4</sup>. Antes a edificação da estátua do Padre Cícero era em uma praça no centro da cidade, um ponto de acolhimento dos romeiros que todos os dias 20 se reúnem para fazer suas orações, e na segunda-feira era tradição aquelas pessoas das zonas rurais passarem na estátua para pedir a benção e proteção ao santo, e até mesmo deixar suas contribuições. Então, com o passar dos anos, os romeiros fizeram um pedido para que colocasse a estátua em outro lugar e logo teve essa mudança, que abrigou o acervo do Santo na Rua Dr. Amorim Zinet, em que se encontra até os dias atuais. Dessa forma, Bonito de Santa Fé abriga a devoção a um dos santos da cultura popular.

Contudo, no dia 20 de cada mês é celebrada uma missa nessa praça que está edificada a estátua. Essa celebração acontece sempre às 19h; primeiro acontece uma procissão saindo da Igreja Santo Antônio de Pádua até a imagem do Padre Cícero, contando com a participação dos romeiros da cidade e das pessoas que tem fé neste santo, pois essa celebração em homenagem ao Padim Ciço sempre é muito festejada.

Esse espaço da praça, sobretudo, é o lugar onde os romeiros se reúnem para sair em romaria para a cidade de Juazeiro do Norte, no estado do Ceará; antes, era utilizado o transporte conhecido como “pau de arara”, porém com passar dos anos esses transportes foram se modificando e essas pessoas se deslocam de “Van”, um transporte que carrega muita gente, sendo mais confortável, ao passo que outras pessoas também fazem votos de fé para seguir até a cidade do Juazeiro do Norte a pé. Logo, essa prática acontece sempre no dia 30 de outubro de cada ano, e quando eles estão de saída, soltam fogos de artifícios para avisar que estão seguindo sua caminhada de peregrinação.

A história do povo bonitense também é trilhada por aspectos da educação, visto que, essa é uma ferramenta primordial para a sociedade, assim, a cidade de Bonito de Santa Fé desenvolve atividades sempre buscando envolver os habitantes para que possam ter o melhor ensino da região, com sabedoria e dedicação, respeitando as especificidades de cada um dos seus filhos da terra. Isso acontece não somente com as pessoas da zona urbana, mas também se tem uma preocupação com aquelas pessoas que residem nas zonas rurais.

A história da educação dá-se com a fundação Ibiapina, que efetivou a construção de uma escola profissional do 2º grau “Assis Pereira”, que contou com ajuda do Professor Afonso Pereira de Sousa, pois funcionou por muito tempo, mesmo sem muitas condições, mas que acolheu os jovens deste município para que se dedicassem aos estudos. Com o passar dos

<sup>4</sup> O santo Padre Cícero Romão Batista, no imaginário dos seus fiéis é considerado com santo milagroso.

anos, essa escola passou a ser denominada de Monsenhor Morais, e passou por reformas e funciona até os dias presentes.

A Escola Monsenhor Morais dá-se a partir do decreto 6.452 de 14 de março de 1975 e 4.783 de 17 de abril de 1983, localizado na Rua Aprígio Pereira da Silva. Antes recebia o nome de Escola Ensino Fundamental e Médio Monsenhor Morais, que desde o ano de 2019 aderiu ao modelo sobre o qual versa a Lei nº 11.100 de 06 de abril de 2018 que cria o programa de Educação Integral, composto por Escolas Cidadãs Integrais – ECI, Escolas Integrais Técnicas – ECIT e Escolas Cidadãs Integrais Socioeducativas – ECIS, uma vez que, essa escola acolhe alunos do Ensino Médio.

O município conta com três escolas municipais que são Prof. Mozart Rodrigues, Maria Almeida e Áurea Dias de Almeida e duas escolas do Estado: Monsenhor Morais e Joaquim Nabuco, tendo ainda duas creches. O município dispõe de transporte escolar para trazer os alunos da zona rural para estudar na cidade, visto que, as escolas do campo não atendem a todas as séries; diante disso, todos os dias tem ônibus para que esses alunos possam se deslocar até a cidade. Além de fornecer ônibus para os alunos do ensino superior, pois a urbe não conta com universidades e aqueles jovens que desejam seguir a jornada dos estudos precisam se deslocar para outras cidades que têm o Ensino Superior como exemplo, da cidade de Cajazeiras, Paraíba.

Nestes modos, é interessante tecer acerca da caminhada que os estudantes enfrentam para se dirigir até a cidade de Cajazeiras, uma vez que, a distância entre a cidade de Bonito de Santa Fé e Cajazeiras é de 65,6 Km, no qual gasta em média 1 h 7 minutos, porém, como a viagem dos estudantes, sobretudo, é feita de ônibus escolar, demora mais alguns minutos de viagem. Logo, os alunos que fazem curso superior à noite, saem de Bonito de Santa Fé, no horário das 17h, chegando de volta à cidade à 00h. No entanto, há transporte para os estudantes da manhã, tanto para o ensino superior como para outras escolas, a exemplo, o Ensino Médio e até mesmo o Ensino Fundamental; o horário de saída do transporte da manhã é às 5h, estando de volta às 13h 30.

Assim, a religião e a educação unem os habitantes da cidade e esses símbolos mobilizam o presente dos bonitenses, agregando as vivências e as experiências dos mesmos, mostrando que há uma cultura, que é propagada pela fé católica. Como a grande maioria das cidades do interior do Brasil, o catolicismo catalisa a vida e marca a caminhada da população.

## CAPÍTULO III

### 3.1 Bonito de Santa Fé, uma cidade em movimento

A cidade é a moradia dos homens que gera a sociabilidade, é o lugar de acesso às fontes de informações que propõem a delicadeza de novas formas de viver e pensar a sua vida é um mar de emoções e sentimentos que envolvem as pessoas. É nas cidades que gera esse misto de sentimentos que nutre os conflitos na cidade. Assim, como todas as outras cidades, Bonito de Santa Fé é a cidade dos sonhos do lugar do moderno, em que muitos bonitenses sonham em ter uma interação com outro local.

Até o presente momento, as cidades que foram sendo estabelecidas através de ações legais têm constantemente buscado o progresso que lhes é inerente. Tendo em vista que, esses centros urbanos necessitam de uma maior interação interurbana com outros espaços geográficos, na medida em que cada região promove uma relação de níveis mais próximos de suas demandas.

Desse modo, Bonito de Santa Fé apresenta-se com sua localização geográfica na região oeste do estado da Paraíba na mesorregião do Sertão Paraibano, e se mostra com centros urbanos, passa a constituir uma relação com outra cidade, que promove uma relação de compartilhamento de atividades. Assim, Bonito se interliga com a cidade de Cajazeiras - PB, porque se mostra com um espaço urbano de mais modernidade.

Diante disso, os habitantes que moram em Bonito de Santa Fé, que decidem fazer o percurso a Cajazeiras são justamente para fazer um curso superior, um cursinho pré-vestibular e buscar outros meios de estudos. Todavia, aprimorar os conhecimentos possibilita uma melhor articulação para contribuir com o nosso espaço local que é Bonito.

Esse fenômeno de um mundo globalizado promove uma dinâmica que as pessoas vão se ampliando e se articulando nessa dicotomia para conquistar uma vida melhor, na qual se tem a necessidade de ampliar seus conhecimentos, e buscar outras fontes de informações.

Como campo de estudo, tantos os geógrafos como os urbanistas foram os primeiros a se interessar pela pauta do desenvolvimento dos núcleos urbanos. Segundo Abreu (2002, p. 43):

A presença da cidade nos estudos geográficos é antiga. Ratzel (1891), por exemplo, conferiu aos núcleos urbanos um papel importante na evolução da humanidade. Para ele, as cidades representava um objeto de estudo importante da geografia e deveriam ser analisados, sobretudo, a partir de sua posição em relação às vias de comunicação.

A propósito, o autor destaca a relevância de estudar esses aspectos da cidade, no qual tem se valorizado a ampliação do território geográfico que surge como forma de ampliar os espaços e os equipamentos da cidade, entendendo isso como uma busca de desenvolvimento. Desta forma, desde os anos 90 que os estudiosos de geografia tinham percebido que a estimativa do território brasileiro vem crescendo e ganhando um espaço significativo no ambiente de urbanização das cidades, visto que, as cidades de porte menor também estão crescendo e unindo seu mercado urbano. Esse fenômeno urbano situa-se no Brasil, segundo Santos (1994, p. 20):

O Brasil urbano é o Brasil em que está presente o meio técnico-científico, área onde as relações tendem a ser mais intensas, e, por isso mesmo, o processo de urbanização tende a ser mais vigoroso. Como admitimos que essa realidade vai se estender rapidamente sobre o território nacional, as perspectivas de urbanização serão bem mais nítidas e fortes. Esse fato, porém, passa despercebido a quem faz projeções sem considerar a realidade e as tendências geográficas.

Ainda no início da década de 90, do século passado, o autor chamou atenção para esse crescimento geográfico que o Brasil vinha passando em relação ao aumento das pessoas no espaço, tendo em vista que, o espaço urbano está se alargando mais do que o espaço rural, porque as pessoas estão se movimentando e se articulando em busca de uma vida melhor. Nesse sentido, as pessoas que moram na zona rural passam a morar nas zonas urbanas, ou seja, elas tendem a procurar uma vida mais movimentada com mais oportunidades e essas mudanças estão presentes nas cidades pequenas, isto fica claro na narrativa de muitos e muitos habitantes bonitenses.

Eu nasci em Conceição porque na época aqui não tinha nada eu nasci 1975 e na época não tinha hospital só uma maternidade aí minha mãe teve complicações no parto essas coisas e foi para Conceição para mim ter no hospital, nasci lá, mas só fiz nascer mesmo lá é tanto que eu nasci lá e só vim conhecer conceição com 12 anos pela primeira vez, mas eu nasci lá e vivi minha vida toda aqui em Bonito, morava nas zonas rural no sítio Bartolomeu estudei com a minha mãe na primeira fase do Ensino Fundamental estudei com minha mãe que na época chamava o ensino primário estudava com a minha mãe em casa ela pegava no meu pé que só.

Eu morava na zona rural, trabalhava só ajudando meu pai e minha mãe, trabalhei na roça trabalhava assim plantando ajudando a pastorear passarinho lá nos plantios de arroz essas coisas que o pessoal do sítio faz e ajudando minha mãe (Maria do Socorro Pires 10/08/2023).

Assim, a partir do relato de experiência de vida dessa habitante, percebe-se a necessidade das pessoas de ir em busca de realizar seus sonhos, sendo que é na cidade que se organiza suas produções no campo dos estudos para ter oportunidades de empregos; quem vive nesses centros urbanos precisa se deslocar para “as cidades intermediárias que

apresentam, cada vez mais, dimensões bem maiores” (Santos, 1994, p. 23). Logo, as cidades menores são os lugares em que as pessoas mais sofrem com a falta de emprego, de um trabalho capacitado.

Demonstramos essa história de vivência da professora Maria do Socorro Pires:

Quando eu terminei o curso de História eu passei esse tempo todo em Cajazeiras fiz meu curso todo lá vinha às vezes ajudar minha mãe e meu pai que tinha um plantio de uva na época aí quando era época de muito trabalho eu vinha passar uma semana ou duas semanas aí, mas não trabalhava, só vir trabalhar depois de 2 anos que eu terminei meu curso quase eu entro em depressão que eu ia fazer os concursos e não passava e eu morrendo o maior medo era ter que ir embora de Bonito aí foi quando eu passei no meu primeiro concurso em 96 em Pombal aí depois que passei no de Pombal eu passei no de Cajazeiras e no de Sousa, mas eu fiquei em Pombal aí trabalhei lá uns três anos depois vir para cá (entrevista em 10/08/2023).

A partir do relato da professora, percebe-se o nível de dificuldade para conseguir um trabalho na cidade pequena; com isto, ver gradativamente esse aumento da urbanização a partir desse movimento de sociabilidade nas cidades. Segundo Santos (1994, p. 22) “aumenta o número de cidades locais e sua força, assim como os centros regionais tendem a crescer relativamente mais que as próprias metrópoles do sudeste”. Assim, as cidades de porte médio tendem a se desenvolver com suas dimensões geográficas e econômicas gradativamente, no qual passa acolher os habitantes da cidade de pequeno porte que foram surgindo, sobretudo, com a ideia de um mundo globalizado que amplia a análise das cidades regionais, transformando-as no fluxo de crescimento de uma metrópole.

Dessa forma, os bonitenses absorvem a qualidade de vida dessas outras cidades quando passa a frequentar a cidade de Cajazeiras para dar continuidade aos estudos, pois é lá que temos a oportunidade de fazer um curso superior, ou mesmo um cursinho pré-vestibular para que possa manter-se no padrão de vida melhor, sendo que em Bonito de Santa Fé só tem o nível de ensino até o Ensino Médio. Com isto, os habitantes tendem a sair para buscar seus cursos de graduação em Cajazeiras, que é a cidade mais próxima que se tem de Bonito. Podemos observar através do relato da Professora Maria do Socorro Pires:

Aqui só tinha até o ensino médio né, aí eu estudei 2 anos no ensino médio aqui, depois foi fazer meu terceiro ano científico lá em Cajazeiras e o segundo ano fiz cursinho foram 2 anos que eu estudei lá 1 ano fiz o terceiro para concluir e outro foi para fazer cursinho aí como aqui não tinha opção né, só tinha esse nível de escolaridade a opção que a gente tinha era buscar fora em outra cidade no caso a cidade mais perto era Cajazeiras, eu tive a oportunidade de ir para João Pessoa foi estudar lá na Capital e tudo, mas eu não mim adaptei lá não hoje eu gosto de João Pessoa, mas na época eu queria distância de João Pessoa, eu sempre gostei do lugar mais tranquilo, uma cidade mais próximo de Bonito porque tem meus pais que moram aqui ai hoje a gente ver que Cajazeiras é uma região mais próxima da gente que

tem faculdade, várias opções de curso na época não tinha, na minha época só tinha Licenciatura todas as Licenciaturas tinha lá no Campus de Cajazeiras mais depois foi que foram surgindo outras oportunidades escola técnica, cursos, mas na época era só Licenciatura mesmo e escolas particulares (10/08/2023).

Dessa maneira, a cidade de Cajazeiras se apresenta como um espaço geográfico que proporciona um ambiente que passa as fontes de informações, arquiva, classifica esses conhecimentos em relação aos pontos que envolvem ensino, economia, cultura e políticos (Santos,1994). Nesse viés, Bonito de Santa Fé concentra essas novas formas de aprendizagem.

Porém, segundo Santos (1994, p. 24), as cidades se mostram de formas diferentes umas das outras, com seus ritmos de vida e com um mundo de coisas agradáveis para observar. E para viver nessas cidades é necessário se adaptar às demandas de cada região.

Esse tipo de classificação em níveis sucessivos deixa de ter significação na medida em que cada cidade passa a ter uma relação direta com a demanda de sua região, e na medida em que cada região se especializa. Essa especialização regional é, também, especialização da demanda ligada ao consumo produtivo. A cidade se dobra a essa demanda, se reforma, se reorganiza, se refaz, se recria (Santos, 1994, p. 24).

Desta forma, a cidade grande se organiza para poder acolher essas pessoas que precisam estar em movimento de suas regiões para outra, sendo que é preciso o local está relacionado a outro, pois uma cidade sempre precisa da outra para que aconteça uma interação entre as pessoas; é um misto de coletividade de sociabilidade. Como bem descreve a Professora Maria do Socorro Pires:

Eu acho assim que Cajazeiras na nossa região hoje ela é muito mais agradável de viver e muito mais fácil de você estudar. É um espaço que você consegue eu vejo muitos meninos daqui e o seu caso também que consegue ir e vir todo dia e consegue fazer faculdade de engenharia faz cursos técnicos se quiser faz medicina tem várias opções, muito bom. É uma área fácil para nós que somos sertanejos (10/08/2023).

Nessa perspectiva, a cidade de Cajazeiras é uma região que tem muitas oportunidades no campo do ensino. Hoje se percebe como o seu espaço de urbanização geográfica aumentou consideravelmente em relação a Bonito de Santa Fé, que é uma cidade pequena e depende, sobretudo, de Cajazeiras para ampliar a escala de novos conhecimentos, possibilitando que as pessoas se tornem mais proativas para ir em busca da realização dos seus sonhos. Então, essa dinâmica ocorre com o aumento das cidades locais que, de acordo com os estudiosos da geografia, destaca esse amadurecimento da trajetória da cidade do Brasil, e isto fica evidente na fala de Abreu (2002, p. 44), “Ou seja, a cidade seria mais um palco de exibição da

superioridade da ‘vontade humana’ sobre o jugo ambiental, e cabe ao geógrafo demonstrar essa verdade”.

A cidade passa a ser espelho para a realização das nossas vontades, é nelas que temos a destreza de decidir o nosso futuro, ou seja, um futuro de transformações positivas nas nossas vidas. Desta forma, o modo como a urbanização vem se mostrando contribui para que a vida dos bonitenses possa ser transformada, em relação à evolução dos seus estudos. Destaco a reflexão da bonitense que tanto lutou para realizar seu sonho que era ter sua graduação.

Tudo contribuiu, porque meu pai é agricultor foi ele que bancou meus estudos; a minha mãe, professora do Estado, ela começou no município, depois entrou para o Estado, quando eu estudei com ela, era professora do município daqui, aí a referência que eu tinha de professora era ela e tinha mais duas tias que também eram professoras, então eu sempre via assim meu pai e minha mãe falando e minha família falando da importância de estudar, mas, minha formação profissional foi tudo passar no concurso estudar adquirir conhecimentos outras experiências de trabalho que eu tive foi todo graças aos meus estudos (Maria do Socorro Pires, 10/08/2023).

Nesse sentido, não há dúvidas de que as transformações dos movimentos sociais cada vez mais vinham ganhando espaço sobre as cidades, no qual surgiam novos modelos de aplicar as informações em meio a isto; os bonitenses precisam sair do seu lugar social para buscar esses conhecimentos na cidade intermediária. Para isso, os habitantes de Bonito de Santa Fé fazem um trajeto durante esse período até Cajazeiras, com muita dificuldade, como expressa a professora:

Antes de ir para faculdade quando eu estudava ainda no Ensino Médio teve dois anos que eu estudava em Cajazeiras, mas fazendo cursinho aí eu viajava em uma caminhonete parece que só tinha um ônibus na cidade que o ônibus só ia pela a noite e eu estudava pela manhã no cursinho, que era o ônibus de padim que todo mundo chamava aí a gente ia, eu passei um ano andando daqui para Cajazeiras nessa caminhonete era até de João Bosco Lucena no carro, aí depois que eu voltei para estudar na faculdade eu morava lá passava a semana lá e vinha no final de semana para casa aí vinha de ônibus de van nesses transportes alternativos, a vida era essa (Maria do Socorro Pires, 10/08/2023).

Pareceu-nos que, pela fala da professora, é clara como a cidade de Cajazeiras é o lugar das oportunidades, em que as cidades vizinhas recorrem a ela para ampliar a visão de mundo dos habitantes, e Bonito de Santa Fé faz essa relação estando sempre em movimento para o seu ambiente geográfico.

Porém, Bonito de Santa Fé, a partir da interação que faz com Cajazeiras, contribui muito para que surjam novas oportunidades, é um lugar bom de viver, e é também o lugar de produção do homem que pensa no processo de modernidade.

Compartilhamos o relato da bonitense:

Bonito como a gente já falou antes tem oportunidade apesar de na época não ter tantas, mas a gente sabe aproveitar essas oportunidades, então acho que aqui é uma cidade tranquila e uma cidade que a gente tem acesso a muitos benefícios é uma cidade polo a maioria das pessoas que vive aqui na região não dar valor a localização geográfica de Bonito, mas Bonito é uma cidade polo, Bonito fica entre as duas referências tanto Paraíba quanto do Ceará né que é Juazeiro e Cajazeiras e tem outras cidades vizinhas aqui também então se você quiser ir para qualquer lugar do Estado até mesmo em questão de concurso você pode fazer, fazer um concurso para cidade próxima como tem gente que trabalha no município de Conceição, Monte Horebe, São José de Piranhas e tem gente que trabalha aqui na Santa Cruz. E tem a disponibilidade se você quiser passear no Juazeiro, tem a tecnologia da internet que todo mundo precisa que tem boa, transporte tem, então é assim eu adoro Bonito para minha pessoa não falta nada e ainda tem a melhor coisa do mundo que é o clima e paz (Maria do Socorro Pires, 10/08/2023).

A partir do relato da professora, percebemos a relevância que dá a cidade de Bonito, pois destaca que é um lugar bom para se morar devido às modalidades de se locomover para outros lugares. Mas, Cajazeiras é a cidade que oferece muitas oportunidades aos bonitenses, tanto em relação aos estudos como também em relação ao comércio, pois sempre que os habitantes precisam de algo a mais, vão buscar fora, preferencialmente, em Cajazeiras, que é o refúgio dos habitantes bonitenses. Por conseguinte, as identidades da cidade ganham outro modelo com estas ampliações do conhecimento.

É interessante que com essas inovações do espaço de urbanização, em que depois de aprimorar nossos conhecimentos, poderíamos deixar nossas contribuições em outro lugar, como por exemplo, ir para João Pessoa, ou qualquer outro lugar, mas o desejo de retornar a nossa cidade e contribuir com novas metodologias de ensino é um sonho de qualquer um, essencialmente do morador de Bonito. Então, mais uma vez, a professora contribui com sua experiência de vida.

Eu sou filha única e meus pais não sai lá do sítio de jeito nenhum, um tem 74 anos e outro 73 anos e eu sou filha única esse foi um dos principais motivos e o segundo motivo que eu não gosto de agitação eu gosto de cidade grande para eu ir lá passar um dia ou dois tipos João Pessoa tem praia para passear mais para viver não gosto daquela agitação de cidade grande gosto da tranquilidade da cidade pequena.

Eu trabalho em Pombal gosto muito de lá foi meu primeiro concurso eu adotei Pombal como se fosse minha segunda casa, mas quando venho trabalhar em Bonito para mim é assim como se eu tivesse literalmente chegando à minha casa, então até minhas aulas são melhores aqui do que lá, porque a gente se sente mais à vontade as pessoas são daqui a gente conhece mais a realidade das pessoas, a gente tem um alunado não é de nível de conhecimento diferente mais é de comportamento diferente, aqui eu conheço todo mundo os meus alunos e sei a procedência deles, na outra cidade eu não sei então a gente consegue desenvolver um trabalho mais tranquilo e ajudar

ao aluno bem mais porque a gente conhece melhor eu acho que Bonito contribuí mais comigo do que eu com Bonito (Maria do Socorro Pires, 10/08/2023).

Desse modo, através da fala da professora podemos perceber que a sua jornada dos estudos foi de extrema importância, pois, além da realização de um sonho, consegue deixar sua história no campo do ensino. Com isto, buscar outras informações em outra cidade é primordial para aprender a aplicar esse conhecimento no nosso local de forma que se adapte à realidade do município, ou seja, faz-se necessário entender como cada cidade absorve as informações, na qual é uma tendência que não pode deixar de lado para que haja um compartilhamento de ideias entre as cidades local/regional.

A princípio, o estudo sobre os fenômenos do urbano nos possibilitam construir um mapeamento do que a cidade de Cajazeiras oferece ou deixa de oferecer na vida dos habitantes de Bonito de Santa Fé, já que existe uma relação de interação entre ambas. Nesta perspectiva, podemos observar que Cajazeiras articula sua produção de conhecimentos abrindo uma porta para agregar a sociedade, ou mesmo, aquelas que procuram abrigo no seu espaço urbano.

O espaço urbano representa um marco importante para a transformação da sociedade. Pensando, essencialmente, em preservar o papel que integra a dinâmica do moderno, ou seja, são efeitos que possibilitam uma mudança de vários elementos que compõem o ambiente da cidade. Portanto, a cidade é um espaço de luz, em que o homem produz seus meios de civilidade, de comunicação, e que absorve informações de outros lugares. Assim, o espaço urbano faz relações com outros espaços.

### **3.2 Bonito de Santa Fé, setembro de 2023: o tempo presente promove novas histórias**

Em setembro de 2023, a cidade de Bonito de Santa Fé promove uma nova história em torno do tempo presente. Nesse sentido, a velocidade dos acontecimentos presentes possibilita interagir com as questões de transformações do espaço urbano que nos guia para pensar a acerca da dimensão da história do moderno.

Desse modo, ao observar os acontecimentos do tempo presente na cidade de Bonito, nos asseguram fazer uma análise mais aprofundada dos episódios que ocorrem na urbe, ou mesmo, “pensar como os ritmos e movimentos da história podem ser operados pelo historiador” (Mauad, 2007, p. 226). Nesse viés, a história do tempo presente é importante porque existe sempre o tempo passado dialogando com o presente. Para Braudel, no texto “*A longa duração*” publicado na revista dos Annales de 1958, em que, “defende a importância da

dialética da duração para a observação histórica tanto do passado mais distante quanto dos fatos da atualidade” (Braudel, s/d apud Mauad, 2007, p. 226). Logo, temos como objetivo ler os escritos de Bonito de Santa Fé em torno da multiplicidade dos fatos do cotidiano que envolve a materialidade da vida dos homens.

Desta forma, optamos por fazer uma análise minuciosa da cidade a partir das fotografias. Uma vez que, a fotografia abre portas para visualizar como está sendo exposta a realidade dos fatos históricos, ou seja, guardam memórias coletivas, histórias para serem narradas. Segundo Mauad (2007, p. 230), “Tais fotografias compõem um catálogo, no qual surge uma história redefinida pelo estatuto técnico próprio ao dispositivo da representação: a câmara fotográfica”. Então, a produção de uma imagem diz muito sobre o lugar, mostra o papel da instituição, da nação como sendo um espaço do moderno. E Bonito de Santa Fé abre portas para que as pessoas possam visualizar sua história por meio das fotografias.

A cidade de Bonito se mostra no tempo atual como lugar de compartilhamento de acontecimentos, pois ao caminhar pelas ruas da cidade podemos observar os mais antigos sentados nas calçadas contando suas histórias de vidas aos mais jovens, isso, nos faz compreender que esse momento é uma passagem em torno do tempo presente que permite aos mais velhos testemunhar seus momentos. Desse modo, esses fatos nos faz refletir como é o cotidiano das pessoas que habitam na cidade, suas condições de vida, tudo reflete para exprimir como suas experiências influenciam no presente, ou seja, é um passado que está dialogando com o futuro, são fatos que estão se repetindo no ambiente urbano.

Nesta perspectiva, a cidade de Bonito de Santa Fé, ao tempo que foi se mostrando com seu desenvolvimento, tem um papel importante em relação ao tempo presente a partir das vivências do dia a dia das pessoas nessa cidade. Desse modo, ao considerar a *pólis* como sendo um espaço que articula imagens, abre portas para imaginar quais os sentidos reais dos centros urbanos no cotidiano. Logo, faz-se necessário articular a fotografia com os fatos reais que traduzem a veracidade do mundo contemporâneo.

Dessa forma, ao conceber o visual de Bonito podemos observar que ainda há praças que permanecem inalteradas, exibindo sua arquitetura antiga, o que confere um charme especial à cidade, mantendo seu modelo original preservado. Além disso, constatamos a existência de ruas não pavimentadas que ainda enfrentam problemas relacionados à falta de sistemas de esgoto adequados. É importante ressaltar que a ausência de higiene se torna um transtorno, uma vez que o mau odor proveniente do esgoto adentra as residências dos moradores diariamente. Segundo Gustin (2006, p. 160) “isso diz respeito, especialmente, à sua estrutura urbana que se realiza na ilegalidade a partir de supostos direitos realizados”.

Nesse viés, entende-se que o poder executivo precisa promover políticas públicas de melhoramento do espaço urbano pensando no coletivo.

Ademais, a cidade também é marcada com traçados do moderno em que algumas ruas passaram pelo processo de modificações com um novo embelezamento estético, logo, as principais ruas receberam recentemente a malha asfáltica que configura uma conquista significativa para os habitantes bonitenses, sendo que até o momento percebemos que, em meio às adversidades, o gestor se mostra preocupado em trazer para a cidade a modernidade. Nas palavras de Gustin:

A conquista jurídica restrita aos direitos civis, a lógica individualizada da produção capitalista, a organização “racional” das cidades, advinda da razão renascentista das ciências, fizeram do indivíduo o ponto de partida ideológica da construção dos aglomerados urbanos modernos e própria modernidade (Gustin, 2006 p. 160).

Esse aspecto de organização da produção urbana é o lugar de pertencimento que passa por uma nova história do moderno, mostrando que existe a possibilidade do diálogo entre o passado e o presente, ao olhar uma imagem antiga e relacionar como as atuais vem na memória como aquele passado está presente no cotidiano das pessoas. Desse modo, essa produção imagética demonstra o modelo da cidade antes e, conseqüentemente, hoje está aos poucos se modernizando, pois é na cidade que se constroem as relações de globalização, dos conhecimentos, e da sociabilidade.

O mundo moderno chega a Bonito, o dia a dia das pessoas é marcado pelas novas tecnologias, havendo uma conexão com o mundo virtual: a internet. Assim, o principal meio de comunicação dos habitantes bonitenses é por meio do celular; muitas vezes acontecem aulas e reuniões por meio da ferramenta do *google meet*, uma vez que não precisamos sair de casa para se reunir com as pessoas em outro local presencialmente, já que depois dessas tecnologias tudo ficou mais fácil, pois podemos nos relacionar com o mundo e adquirir novos conhecimentos.

Além disso, é interessante relatar que até nas escolas essas novas metodologias estão sendo utilizadas, essencialmente pelos alunos, que muitas vezes fazem seus trabalhos da escola pela internet, montando um grupo de estudo pelo *whatsapp* ou *telegram*, que são ferramentas que promovem uma interação com várias pessoas ao mesmo tempo, sendo capaz de manter contato de qualquer lugar que você esteja, ou seja, um mundo de oportunidades. Ao passo que quando essas tecnologias falham, percebemos a aflição dos grupinhos por não se manter conectados, e surge a preocupação de como vão registrar seus trabalhos.

Diante disso, o mundo da internet está incorporado nas escolas de Bonito de Santa Fé, uma vez que, os gestores escolares tiveram que se adaptar com essas tecnologias, tendo em vista que, o corpo discente da escola é jovem, então, percebe a necessidade de trazer para o ambiente escolar metodologias que atraíam a atenção dos alunos. Dessa forma, essas novas metodologias passaram a ser um desafio para os docentes, para planejar suas aulas, para que aconteçam de forma dinâmica, e, a partir disso, as aulas acontecem com a projeção de *Data Show*, que possibilita apresentar *slide* com imagens que chamam atenção dos discentes. Também acontecem com jogos digitais, podendo trabalhar com filmes relacionados aos conteúdos das aulas. Por conseguinte, percebe-se que a conexão com a internet melhorou muito a aplicação dos conteúdos na sala de aula, e, veementemente, existe a possibilidade de usar o aparelho celular para acessar um livro digital que não está disponível na escola.

Nesta perspectiva, os gestores do município estão sempre pensando no bem estar da população bonitense, nos seus projetos de governo sempre prometem lutar para que os habitantes possam ter melhores condições de vida e garantem os direitos dos cidadãos para que não sejam restringidos. Então, nos discursos políticos prometem que vão lutar para que as escolas tenham os melhores equipamentos e ferramentas, oferecendo um ensino de qualidade para os alunos, e que se destaquem para serem as melhores escolas da região. Em meio a isso, prometem as mudanças do centro urbano como exemplo, as reformas nas praças públicas da cidade, melhorar as ruas que precisam ser calçadas e ainda sofrem com o problema de esgoto aberto e, conseqüentemente, causa doenças nas pessoas.

É notório destacar que existe um comprometimento por parte dos gestores de melhorar o atendimento na saúde para atender àquelas pessoas que necessitam de cuidados. E, sobretudo, destaca a importância de desenvolver projetos pensando na população mais humilde, que reside nos bairros periféricos do município. No entanto, visa trabalhar para que aconteça segurança pública de qualidade agindo de forma legal para evitar que aconteçam atos de violências e irregularidades no espaço urbano.

Do ponto de vista desses ritmos e movimentos da cidade, Bonito de Santa Fé, na atualidade, problematiza-se por meio de seus debates na Câmara Municipal. Nesse espaço fica bem visível o lugar que a cidade é discutida, bem como soluções para os seus problemas.

No ano de 2023, trouxe a cidade de Bonito de Santa Fé debates que irão traçar a sua história em torno do tempo presente. Dessa forma, a partir da discussão que se encontra nas Atas da Câmara Municipal da cidade, Casa Antônio Dias de Lima, em que consta com a presença de oito vereadores, o Sr. Presidente dá início a reunião com a leitura do expediente do dia.

Desse modo, apresentam-se as matérias que estão sendo postas em discussão acerca da assistência para as crianças, no período de 2023 a 2033. Outro aspecto incorporado ao debate sobre a cidade é no que diz respeito ao fornecimento de crédito. No que diz respeito às fontes de recursos tem se o planejamento para o orçamento anual do município. Outro debate está relacionado com os problemas de saúde em que cria a casa de apoio na capital João Pessoa para acolher os habitantes da cidade. No entanto, um ponto relevante que se acrescenta ao debate é sobre serviços de proteção à mulher vítima de violência.

Assim, em relação à educação, coloca em discussão a nomeação da nova creche, passando a ser denominada “Raquel Ramos de Sousa”, uma vez que, a mesma deixou um legado na Educação do município. Ao que se refere à economia, a cidade é beneficiada com dois grandes empreendimentos, gerando oportunidade de emprego aos bonitenses.

Todavia, os debates que são incluídos sobre a cidade estão relacionados com os problemas de saúde, falta de transporte escolar, a falta de saneamento e, o calçamento em paralelepípedo básico nas avenidas, principalmente, na rua Adriano de Filomena. Mais um debate é colocado em pauta sobre a cidade que se refere à luta por recursos para reformar a quadra de esporte e o campo de futebol do Distrito de Viana e outros ginásios que se encontram no município.

Por outro lado, outra problematização a respeito da cidade é sobre a proibição da utilização de fogos de artifícios. Assim, outro ponto em discussão diz respeito em agregar ao município alíquota suplementar do Regime próprio de Previdência tendo como base a Lei Municipal nº 807 de 2021, bem como elaboração da Lei Orçamentária para o exercício de 2024. Então, considerando o contexto da assistência às crianças, surgem à discussão para que seja construída escolinha de Futebol, e que aconteça de forma efetiva acompanhamento especial para os estudantes nas escolas.

É interessante destacar a dimensão dos problemas que são apresentados do município, como exemplo, da falta de água nos bairros periféricos, essencialmente no Jardim das Neves. Nas escolas ocorrem questões em relação ao consumo de alimentos dos alunos. Outro ponto debatido é sobre as questões de segurança pública, no qual relata a nova Legislação sobre quem conduz carro e moto sem identificação, mostrando que agora é crime.

Em se tratando do espaço estético da cidade é necessário agregar uma discussão sobre a reforma e a capinação nas praças públicas. Há também críticas em relação às obras realizadas como a localização do portal que foi colocado no meio da cidade. No que diz respeito ao crescimento da cidade, os bairros foram se formando de forma irregular, dificultando a chegada da energia e da água.

E assim acontecem os debates na Câmara Municipal Antônio Dias de Lima, que possibilitam problematizar acerca dos fatos que ocorrem na cidade em torno do tempo presente.

Na cidade de Bonito de Santa Fé, o melhor do Tempo Presente se encontra, essencialmente, na praça principal da cidade “*Corsina Arruda*”; a praça é o lugar onde as pessoas se reúnem para passear e dialogar com seus amigos. Considerando que a cidade “nos dias de hoje, em qualquer cidade — mesmo nos pequenos municípios — é possível encontrar opções de lazer que não exigem gastos substanciais” (Gomes, 2006, p. 177). Nesse viés, podemos encontrar esses ritmos do presente, no ginásio de futebol “*Estádio José Amorim*”, um lugar em que acontecem os jogos e, sobretudo, o espaço para fazer uma caminhada à tarde, pois a atividade física virou um hábito da atualidade, e uma forma de ajudar a recuperar as energias. Ao passear pelas ruas da cidade, também encontramos o melhor do tempo presente no bar.

É incrível como existe um conjunto de diferenças nítidas entre os habitantes do presente, essencialmente, nas suas mais diferentes idades. Os jovens visam à sociabilidade nas festas, nos bares da cidade, porque são as únicas coisas que têm para os jovens se divertirem na cidade, tendo em vista que falta um espaço de lazer de qualidade, e a maioria gosta de frequentar esses lugares agitados, com ritmos frenéticos.

Mas, existem outros jovens que preferem estar em suas casas, dedicando-se aos estudos ou aproveitando os dias com sua família, e Bonito de Santa Fé é um lugar calmo e, para a juventude que adora essa tranquilidade, é o lugar perfeito para morar. Todavia, os jovens têm o desejo que a cidade passe por mudanças no meio urbano e se torne um lugar mais moderno.

Já os mais velhos adoram essa tranquilidade, pois suas tardes de domingo na calçada dialogando com os amigos é a melhor coisa que se pode fazer em Bonito, é um lugar sem violência e sem risco, pois, o melhor é ter a liberdade de andar pelas ruas com tranquilidade. Os mais velhos têm uma visão de que deve ser preservado o espaço urbano, deixando as coisas como foram construídas antigamente, pois, o embelezamento da cidade está em preservar seus prédios antigos valorizando, seus modelos arquitetônicos.

E assim acontece a história de Bonito de Santa Fé nas últimas décadas!

Ao retornar a história de Bonito de Santa Fé nos últimos cinco anos, percebe-se que a materialidade da cidade é tida por meio de uma cidade antiga que busca uma autonomia no campo do embelezamento da era moderna. Assim, para ter um prédio, uma casa arejada não deixa de mergulhar nas histórias do passado, nas marcas que foram deixadas da cidade antiga.

Em 2017, o município sofreu com a perda de alguns órgãos, como exemplo, do fechamento do fórum para desinstalação da comarca que funcionou na cidade por mais de 70 anos. Sendo que esse problema afetou, conseqüentemente, o município, pois aquelas pessoas que precisam dos serviços da comarca terão que se deslocar para outra cidade, logo é uma perda deixar a população bonitense sem acesso à justiça.

No ano de 2018, o prefeito Chico Pereira consegue recursos para a grande reforma do Mercado Público “*Alfredo Barbosa de Lira*”, que estava precisando, devido ser um prédio antigo que estava quase caindo; sua reforma representa uma projeção que anuncia a chegada do novo – fala-se da estrutura de um prédio que estava passando de uma visão do velho para o novo – e também era um sonho dos gestores que fizeram parte da história política de Bonito. Essa realização da reforma tinha como objetivo não somente deixar a cidade bonita, mas é uma forma de movimentar a economia em torno da urbe, e hoje é um ponto que marca a modernidade da cidade.

Nos últimos cinco anos, os habitantes presenciam a reforma da Praça *Antônio Dias de Lima*, na Avenida Prefeita Áurea Dias Almeida, prestando atenção em cada detalhe no arruamento da rua, da água, dos esgotos; era tudo muito moderno para aquele lugar que representa um ambiente antigo e que agora está com novos ares. Nesse sentido, as reformas e as construções não param e, assim, a cidade foi impactada com a construção da creche “*Maria da Paz*”, no Bairro Casas Populares para atender, principalmente, as crianças daquele bairro que muitas vezes não tem como vir para a cidade.

Dessa maneira, o que se espera dela é que os serviços da justiça que foram fechados voltem a funcionar, para resolver os problemas da população sem que seja necessário se deslocar para outro município. Uma vez que, a *pólis* precisa de serviços administrativos de qualidade pensando sempre no melhor para a sociedade, o desejo é que os gestores pensem no coletivo.

Em torno dos fatos da contemporaneidade que compõem a cidade de Bonito de Santa Fé, os caminhos de sua história estão sendo trilhados e representados por símbolos que as pessoas mais gostam de fotografar, pois representa o tempo passado e presente. Então, a imagem da cidade compõem vozes que representam o imaginário do urbano na modernidade.

Em 2023, a Avenida Pref. Áurea Dias Almeida recebe a malha asfáltica deixando seu espaço urbano mais bonito, pois se trata de modernizar e melhorar as vias para que os transportes possam se locomover de forma mais fácil dentro da cidade. Desta forma, como a cidade é o espaço de criação do homem, essencialmente, é nela que encontramos o fruto dessas construções de produção do centro urbano, e a partir dessas remodelações o município

ganha um embelezamento que possibilita interpretar a polis por outras perspectivas que significam um desenvolvimento.

Além disso, está marcado por símbolos que representam o passado e o presente que é a prefeitura, um local que envolve todos os problemas administrativos da cidade, é o ambiente do poder executivo para planejar e resolver os problemas do município. Ao olhar tal fotografia, temos a impressão de que esse prédio nunca passou por uma reforma, pois se mostra com o mesmo modelo arquitetônico antigo desde sua primeira construção. Assim, podemos conhecer a cidade por meio das imagens, o prédio é antigo, mas a cada ano são novas histórias que acontecem nesse lugar e que devem ser contadas.

Figura – 04: Avenida Prof. Áurea Dias – Prefeitura Municipal



**Fonte:** arquivo pessoal – Aparecida Cezario – 27/08/2023.

Diante disso, esse espaço da cidade refere-se à era do moderno, no qual promove nos bonitenses um mar de emoções, postos pelos símbolos, emoções que viabilizam ao morador experimentar essa nova fase da modernidade na cidade. São espaços criativos que fazem com que os habitantes se sintam bem com um sentimento de pertencimento, de identidade que preserva os seus costumes e as suas raízes que ficam retidas nos símbolos da cidade.

Nesse viés, essas transformações levam o morador a entender o respeito de conviver no coletivo e que isso se sobrepõe a esta no lugar que tem leis e que muitas vezes limita o direito de pertencimento, em que as mudanças do moderno faz uma relação entre cidade e cidadão para que aconteçam uma boa convivência com o urbano.

Todavia, poderemos conhecer Bonito de Santa Fé por meio da captura imagética que mostra um dos lugares em que os jovens mais gostam de frequentar aos domingos à noite. Essa é a Avenida Pref. Áurea Dias, que representa a era do moderno, com sua Praça Antônio Dias de Lima, reformada, e os jovens se reúnem neste local para um momento de divertimento - passa a ser exibido nessa avenida um bar - que junta um aglomerado de pessoas para se divertir aos finais de semana.

Acontecem mudanças na cidade e surgem novas narrativas a serem contadas para as futuras gerações. Porém, algo que se destaca na imagem é a estátua do Padre Cícero, que permanece inalterada, sem ter sido restaurada ou transferida para outro local. Isso evidencia a devoção dos habitantes de Bonito ao Padre Cícero e a preservação de sua imagem na cidade.

Figura – 05: Avenida Áurea Dia Almeida



**Fonte:** arquivo pessoal – Aparecida Cezario – 27/08/2023.

A escolha por essa fotografia é pelo motivo que esse lugar nos leva a recordar muitas histórias, pois elas não são contadas pensando apenas sobre os prédios que tem nesse centro urbano, mas, porque são histórias de vida das pessoas, são sonhos que estão envolvidos nesse lugar tão simples, é um mosaico de experiência em relação aos fatos que acontecem e que transmite um sentimento de paz nos habitantes.

Assim, ao analisar esse projeto do tempo moderno na cidade como conjunto de experiências diversas, somos levados a refletir sobre o sentido do permitido e do proibido em Bonito de Santa Fé, nos dias de hoje.

Para a autora Costa (2006, p. 147), “As dualidades legal-ilegal ou mesmo regular-irregular define-se a partir do aparato jurídico formal” o que o autor promove para pensar esses aspectos do legal de Bonito é que a cidade é constituída por lei que visam regulamentar o ambiente jurídico urbanístico, para que os direitos e serviços estejam presentes, preservando a qualidade de bem estar do cidadão, bem como respeitando os projetos a saúde, educação, o lazer e a segurança. Apesar disso, segue a normatização das Leis buscando sempre desenvolver projetos que atendam a toda população.

Mas, a gestão vem sendo marcada por algumas forças de ilegalidade que muitas vezes geram um debate a respeito dessas irregularidades, pois como sabemos que na cidade existem aqueles bairros mais carentes, fica evidente que esses bairros foram acometidos pela falta de políticas públicas, uma vez que o bairro sofre com o problema de esgoto, as ruas não foram calçadas e a água que chega à casa das pessoas não é limpa.

As pessoas reivindicam seus direitos cobrando ao gestor que busque recursos para investir nas melhorias da cidade, pois essas desigualdades não deveriam existir, portanto, é direito do cidadão bonitense viver no lugar com melhores condições, que tenha um abastecimento de água de qualidade, que o Chefe do poder executivo pense nas pessoas carentes da cidade. Isso deixa as pessoas revoltadas, com esta falta de sensibilidade por parte dos políticos.

Porém, o lazer na cidade atual ainda acontece!

O lazer está instituído na Constituição Federal de 1988, sobretudo nos artigos (6º, 7º, 217 e 227) que garante ao cidadão que viva com qualidade como também é um direito social, que está figurado em outros documentos de âmbito Federal, Estadual e Municipal, tendo como objetivo reconhecer a relevância do lazer para os indivíduos (cf. Gomes, 2006, 172).

Diante disso, como toda cidade pequena, Bonito na atualidade não tem muito lazer, e não se preocupa muito em criar áreas de lazer e atividades criativas que deixem os habitantes relaxados para enfrentar o estresse do dia a dia. Então, as marcas de uma cidade que valoriza o trabalho em detrimento do lazer estão presentes em Bonito de Santa Fé. Uma vez que, muitas pessoas observam seu trabalho como forma de lazer é nele que tiram o melhor do seu dia, como exemplo uma bela conversa com seus amigos e clientes, onde sai de seus rostos aquele belo sorriso.

Notoriamente, o lazer atual dos bonitenses também está na praça para passear no sábado à tarde e bater um papo com os amigos, no clube de futebol onde praticam seu esporte favorito, e até fazer sua caminhada, já que foi construído um espaço para as pessoas caminharem. Desta forma, podemos dizer que Bonito de Santa Fé é um município boêmio,

onde os jovens apreciam muito o consumo de bebidas alcoólicas para, em seguida, saírem pelas ruas dirigindo em alta velocidade com seus veículos. Outra forma de lazer que tem na cidade são as festas do mês de junho que é tradição, e de novembro, no aniversário da cidade.

Em seu tempo, Bonito de Santa Fé pulsa em vários ritmos que orquestram o seu cotidiano. Na Praça *Antônio Dias de Lima*, as pessoas se encontram e agendam discussões sobre assuntos do dia a dia, é um bate papo sobre notícias que ocorrem na cidade, ou mesmo, sobre um evento que vai acontecer para combinar o encontro da noite. No bar de “Tiquinho do Rodobar” onde tem as melhores pessoas, a melhor comida, é lugar de resolver os problemas, em que a especulação é habitual, é um diz-que-diz sobre a vida das pessoas, da moça bonita que passa na rua, o lugar onde surgem boatos sobre o novo casal da cidade, e até mesmo comentários relacionado ao rompimento de um relacionamento. A Igreja continua pastoreando os habitantes. No entanto, na atualidade existem mais Igrejas na urbe, promovendo uma disputa no campo da fé, com as suas crenças católicas, evangélicas e também as testemunhas de Jeová, em que cada uma dessas entidades propaga sua fé na cidade.

Ao cair da tarde do domingo novamente os habitantes se reúnem, as Igrejas pastoreiam as casas. Mas a cidade caminha, sonha, ilumina-se, espelha o futuro, tem a fé com motivo de alegria para seus habitantes. Naturalmente, é o espaço plausível de atender coisas públicas que abre portas para receber as mudanças do meio. Na cidade pulsa a vida da multidão, com laços afetivos compondo narrativas e recordações de tios, tias, pai, mãe e filhos, é o lugar de compartilhar alegrias, de lutar por coisas melhores sem medo de se arriscar. A esperança, o desejo, o entusiasmo e o brilho de um futuro melhor estão presentes na realidade de vida dos habitantes de Bonito de Santa Fé.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar a cidade exige do pesquisador uma busca sobre o próprio viver em *pólis*. Durante a pesquisa sobre a cidade de Bonito de Santa Fé, tivemos a oportunidade de mergulhar e examinar a vivência de seus habitantes, sua história, para conhecer as suas peculiaridades, para entender o porquê de seus passos, para onde seguiam, por onde paravam e a vinculação que estabeleciam com as permanências e rupturas da cidade. Assim, por seus passos, é que tivemos a possibilidade de encontrar diversas histórias que falam sobre os habitantes da cidade de Bonito de Santa Fé.

Notadamente, a história dessa cidade passou por vários desafios. Ao analisarmos sua formação desde os anos 70, podemos observar que seu espaço físico, notadamente visual, tem suas feições próprias e, sobretudo, na sua estrutura física e arquitetônica. Esta contém, em sua maioria, permanências do passado. Todavia, se não chegaram com força e de forma invasiva os símbolos modernos, não significa que não trilhamos os melhores caminhos. A cidade também tem suas expectativas e iniciativas para a melhoria de vida de seus habitantes.

Porém, é interessante que Bonito, mesmo se mostrando como diferente das demais, ganha formas e modelos de um espaço que se organiza e se esquadrinha melhor, do ponto de vista urbanístico. Ainda que aconteça de forma lenta, a cada ano são debatidos projetos que beneficiem esse lugar, bem como a remodelação de uma praça, a chegada de órgãos públicos para atender a população bonitense, vindo junto os meios de comunicação como: o celular, a rede *wi-fi*, trazendo maneiras de integração e melhor comunicação existentes em outros centros urbanos.

Percebemos também que a cidade é o lugar que agenda a discussão sobre a transformação das temáticas urbanas. É o espaço de construção de avenidas, de praças, de prédios, de lojas, mas também é o lugar do encontro para o diálogo onde as pessoas vêm exercer e contar suas vivências. É na cidade onde encontramos o ambiente que estimula os homens a conhecer limites e compreender o significado do desenvolvimento urbano.

É notório destacar que toda cidade tem sua história própria, específica, por se mostrar como um fato urbano à parte, de acontecimento singular, e na Bonito de Santa Fé vemos também o lugar em que as pessoas se reúnem para resolver seus problemas administrativos, de saúde, entre outros. Ela não deixa de ser “centro” para os espaços rurais e outros lugares de menor porte. As pessoas da zona rural vêm morar na cidade, em busca de realizar seus sonhos, para conseguir um emprego e ter uma condição de vida melhor. No campo da educação surgem escolas para aprimorar o conhecimento dos habitantes, mas a cidade ainda

não oferece todos os níveis de ensino, e as pessoas precisam se deslocar para a cidade vizinha, que é Cajazeiras, almejando alcançar formação superior.

Também aqui o comércio se expande e o capital começa a circular na cidade. São novas lojas de roupa, bares, sorveteria, supermercado, que oferecem oportunidade de emprego para seus habitantes. A cidade cresce com novos bairros periféricos, e junto a isso, por outro lado, a marginalidade chega. Assim, a pequena cidade vai ganhando seu entorno, sua periferia, movida por problemas sociais.

As ruas, com suas cores e esquadramento, ganharam uma estética, um embelezamento, com suas praças reformadas. Em se tratando de estrutura arquitetônica, a cidade de Bonito de Santa Fé se mostra com novos edifícios, novas edificações, mas ainda existe o modelo antigo, preservado, no que diz respeito às casas com sua imagem original: são telhados em duas águas e casas conjugadas que também estão presentes em Bonito. Isso diz muito sobre a sua paisagem.

Contudo, a despeito disso, a história de urbanização da cidade se problematiza. Nessa direção, incorporam-se debates para refletir sobre os seus problemas, onde estão incluídas as melhorias para o saneamento básico, saúde e educação. Podemos constatar, entretanto, que o movimento e ritmo da cidade ocorrem de uma maneira pulsante, com seus burburinhos de vozes; é o ambiente que gera a sociabilidade na cidade, onde junto a isso, ocorre o compartilhamento de ideias, de informações sempre fluindo por ritmos coletivos.

Os símbolos que marcam a história da cidade se mobilizam e dão-lhe um sentido para se pensar no presente e no futuro. Outro viés que observamos é lançado, sobretudo, do ponto de vista jurídico, onde a cidade busca seu próprio desenvolvimento, criando leis para regulamentar as soluções para seus problemas.

Assim, Bonito de Santa Fé é catalisadora de histórias, de vidas de milhares de pessoas que fomentam experiências no espaço urbano. Isso reúne expectativas de melhorias de vários aspectos relacionados às vivências das pessoas (afetivas, de sonhos, de melhorias materiais, de paz social); nesse ritmo são as várias estruturas do espaço urbano e social, de oportunidades sociais, que estão sendo moldadas.

Percebemos em nossa pesquisa que, ao olhar para o tempo presente da cidade, detectamos a ideia que o desejo dos habitantes se move para o seu entorno que abrigam ícones de um mundo contemporâneo, podendo sempre está em movimentos para colher coisas melhores, pois o homem observa a cidade como sendo um mar de esperança, de sonhos a ser realizados.

Nesse viés, estudar sobre esses aspectos urbanos e, conseqüentemente, acerca de Bonito Santa de Fé caracteriza um incentivo para buscar novos conhecimentos da sua história, pois nos possibilita enveredar em outras questões a respeito da cidade. Portanto, na sua história ainda existe convergência em seus problemas que precisam ser investigados. O que buscamos apresentar em nosso trabalho de pesquisa foi fruto do nosso interesse intelectual e pessoal, buscando pulsações humanas e elos significativos que mostrassem os bonitenses em um tempo histórico e que elucidam as condições de vida de seus habitantes nesse percurso e, principalmente em nossos dias.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFIA

ABREU, Mauricio de Almeida. A cidade da geografia no Brasil: percursos, crises, superações. . In: Oliveira Lúcia Luppi. (org.): **Cidade: história e desafios**. – Rio de Janeiro. Editora – FGV, 2002.

BARROS, Henrique Lins de. POPULAÇÃO, TRANSPORTE E INFORMAÇÃO. Um cientista na cidade. . In: BRANDÃO, Carlos Antônio Leite. (org.). **As cidades da cidade**. Belo Horizonte, editora UFMG, 2006. 197p.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas – Magia e Técnica, Arte e Política**. Ed. 3, 1994. Brasil/Paraíba/Bonito de Santa Fé. Instituto Brasileiro de geografia e estatística (IBGE).

Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/bonito-de-santa-fe/panorama> acesso em: 17/09/2023.

BRESCIANI, Maria Stella. **A cidade. Objeto de estudo e experiência vivenciada**. R.B. estudos urbanos e regionais v.6 N.2 / novembro 2004.

BRESCIANI, Maria Stella. Cidade e História. In: Oliveira Lúcia Luppi. (org.): **Cidade: história e desafios**. – Rio de Janeiro. Editora – FGV, 2002.

CARVALHO, Margarida Maria de. LOPES, Maria Aparecida de S. França, Susani Silveira Lemos. (org.). **As cidades no tempo**. Franca UNESP, São Paulo: olho d'Água, 2005, 323p.

CLEMENTE, Francisco de Assis Lucena: **Espaço geográfico, histórico e cultural de Bonito de Santa Fé-PB/ Francisco de Assis Lucena Clemente**- 1. Ed. Cajazeiras-PB: Gráfica Real, 2018.

COSTA, Heloisa Soares de Moura. A “Cidade Ilegal” notas sobre o senso comum e o significado atribuído à ilegalidade. In: BRANDÃO, Carlos Antônio Leite. (org.). **As cidades da cidade**. Belo Horizonte, editora UFMG, 2006. 197p.

DONNE, Marcella Delle. **Teorias sobre a cidade**. Livraria Martins fontes, 330-340 - São Paulo, 1979. Capítulo I, II. editora brasiliense, 1987 – São Paulo.

FILHO, Nestor Goulart Reis. Cultura e estratégias de desenvolvimento. In: LORENZO, Helena Carvalho, COSTA, Wilma Peres (org.): **A década de 1920 e as origens do Brasil moderno** – São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

FILHO, Osmar Luiz da Silva. Na cidade da Parhayba, o percurso e a trama do moderno (1892-1923). Recife – 1999.

FRIDMAN, Fania. ABREU, Mauricio (org.). **Cidades latino-americanas: um debate sobre a formação de núcleos urbanos**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2010.

GEDDES, Patrick. **Cidades em evolução**. Tradução Maria José Ferreira de Castilho – Campinas São Paulo: editora Papirus, 1994.

GOMES, Christianne Luce. Lazer e cidade. Reflexões. In: BRANDÃO, Carlos Antônio Leite. (org.). **As cidades da cidade**. Belo Horizonte, editora UFMG, 2006. 197p.

GUSTIN, Miracy Barbosa de Sousa. A cidade ilegal: Espaço de anulação da cidadania. In: BRANDÃO, Carlos Antônio Leite. (org.). **As cidades da cidade**. Belo Horizonte, editora UFMG, 2006. 197p.

HISSA, Cássio Eduardo Viana. Ambiente na cidade. In: BRANDÃO, Carlos Antônio Leite. (org.). **As cidades da cidade**. Belo Horizonte, editora UFMG, 2006. 197p.

LIMA, Lauro G. **O cavalo de Piripiri**. Roteiro do nordeste, 1977.

LORENZO, Helena Carvalho. Eletricidade e modernização em São Paulo na década de 1920. In: LORENZO, Helena Carvalho. COSTA, Wilma Peres. (org.): **A década de 1920 e as origens do Brasil moderno**. – São Paulo: Editora da UNESP, 1997.

MAUAD, Ana Maria. Dimensões do presente: palavras e imagens de um acontecimento, os atentados ao World Trade Center e ao Pentágono, em 11 de setembro de 2001. . In: JR, Gilson Pôrto. **História do tempo presente**. São Paulo. Edusc, 2007.

MULLER, Helena Isabel. História do Tempo Presente: Algumas Reflexões. In: JR, Gilson Pôrto. **História do tempo presente**. São Paulo. Edusc, 2007.

ON7 SOLUÇÕES. Instagram; <https://www.instagram.com/p/CY2hxTILO2O/> acesso em 07/04/2023.

SANTOS, Mário Augusto da Silva. HABITAÇÃO EM SALVADOR: FATOS E MITOS. In: BRESCIANI, Stella (org.): **Imagens da Cidade. Séculos XIX e XX**. ANPUH/São Paulo, 1993.

SANTOS, Milton. TENDÊNCIAS DA URBANIZAÇÃO BRASILEIRA NO FIM DO SÉCULO XX. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (org.). **Os caminhos da reflexão sobre cidade urbana**. São Paulo: ed. Usp, 1994.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu Extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.